



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JANETE RODRIGUES CARDONE

**DA TRAVESSIA AO ENCONTRO: o trabalho com a literatura em
uma perspectiva antirracista no Bloco Inicial de Alfabetização**

**Brasília-DF
2024**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JANETE RODRIGUES CARDONE

**DA TRAVESSIA AO ENCONTRO: o trabalho com a literatura em
uma perspectiva antirracista no Bloco Inicial de Alfabetização**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação - (PPGE-MP) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia

**Brasília-DF
2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CC268t CARDONE, Janete Rodrigues
Da travessia ao encontro: o trabalho com a literatura antirracista no bloco inicial de alfabetização / Janete Rodrigues CARDONE; orientador Hélio José Santos Maia. -- Brasília, 2024.
p.114

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) --
Universidade de Brasília, 2024.

1. Educação antirracista. 2. Literatura infantil. 3. Experiências didáticas. 4. Formação leitora. I. Maia, Hélio José Santos, orient. II. Título.

DA TRAVESSIA AO ENCONTRO: o trabalho com a literatura em uma perspectiva antirracista no Bloco Inicial de Alfabetização

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação - (PPGE-MP) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia - Universidade de Brasília (UnB)
Orientador

Profa. Dra. Elen Cristina Gerales - FAC/COM – Departamento Comunicação Organizacional/Com - (UnB) - Examinadora

Profa. Dra. Giselly Lima de Moraes – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA) - Examinadora

Prof. Dr. Roni Ivan Rocha de Oliveira - Universidade de Brasília (UnB)
Suplente

*As crianças, que me transformaram na professora-pesquisadora de
hoje. Meu respeito e admiração!*

*Tomás chega à escola. Não há salas. Não há carteiras.
Mas não importa. Há uma professora.
- A primeira lição é construir a nossa escola – diz ela.
Rumford, 2012*

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: 'Não há mais o que ver', saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

José Saramago, 2021

RESUMO

As reflexões sobre a temática antirracista são urgentes e necessitam estar presentes em diversos setores da nossa sociedade, principalmente na escola, um espaço favorável ao diálogo e o compromisso ético. Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como problema compreender como professor (a) considera importante selecionar livros antirracistas em suas práticas pedagógicas, e para isso, temos como objetivo analisar critérios da seleção de livros literários por professores que atuam no Bloco Inicial de Alfabetização. Além disso, conhecer as estratégias e possibilidades de ações nessa perspectiva, por meio da Literatura Infantil e como esta pode ser aliada para trabalhar o tema. Trazemos como fundamentação teórica, Brandão, Leal e Nascimento (2013), Colomer (2007, 2003, 2017), Lerner (2007), Zilberman (2003), Zilberman e Lajolo (2022), Candido (2004), Deus (2020), Silva (2022), Boaventura (2019), Munanga (2019), Almeida (2019), Cavaleiro (2010), Hall (2006, 2019) Gomes (2010), entre outros. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa com o propósito exploratório, cuja técnica para geração dos dados foram o questionário aos professores das turmas, a entrevista livre com a responsável pela biblioteca ou sala de leitura, análise de fotos acervo da biblioteca ou sala de leitura e do Projeto Político Pedagógico em quatro escolas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, localizadas na Região Administrativa do Guará. A interpretação dos dados e consequentemente suas análises viabilizarão, entre outras ponderações, a constatação da necessidade de um olhar generoso da escola, também aos seus docentes, ofertando situações formativas com a literatura antirracista, estimulando esses profissionais a tornarem-se leitores competentes, lendo e convidando os estudantes a esse encontro literário tão fundamental para que, cada vez mais, possamos nos humanizar por meio de narrativas que nos tocam.

Palavras-Chave: educação antirracista; literatura infantil; critérios de seleção; formação leitora.

ABSTRACT

Reflections on anti-racist issues are urgent and need to be present in various sectors of our society, especially in schools, as a space that is conducive to dialogue and ethical commitment. Given this context, this research aims to understand how teachers consider it important to select anti-racist books in their pedagogical practices. To this end, we aim to analyze the criteria for selecting literary books by teachers who work in the Initial Literacy Block. In addition, we want to know the strategies and possibilities of actions in this perspective, through children's literature and how it can be an ally to work on the theme. We bring as theoretical basis, Brandão, Leal and Nascimento (2013), Colomer (2007, 2003, 2017), Lerner (2007), Zilberman (2003), Zilberman and Lajolo (2022), Candido (2004), Deus (2020), Silva (2022), Boaventura (2019), Munanga (2019), Almeida (2019), Cavaleiro (2010), Hall (2006, 2019) Gomes (2010), among others. Methodologically, this is a qualitative research with an exploratory purpose, whose technique for generating data was the questionnaire to the class teachers, the free interview with the person responsible for the library or reading room, analysis of photos from the library or reading room collection and the Political Pedagogical Project in four schools of the State Secretariat of Education of the Federal District, located in the Administrative Region of Guará. The interpretation of the data and consequently its analyses will enable, among other considerations, the confirmation of the need for a generous view of the school, including its teachers, offering formative situations with anti-racist literature, encouraging these professionals to become competent readers, reading and inviting students to this literary encounter so fundamental so that, increasingly, we can humanize ourselves through narratives that touch us.

Keywords: anti-racist education; children's literature; selection criteria; reader training.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIA	Bloco Inicial da Alfabetização
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
APES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
MNU	Movimento Negro Unificado
OSC	Organização da Sociedade Civil
PNBE	Nacional Biblioteca da Escola
Scielo	Scientific Electronic Library Online
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
ANNE	Alunos com Necessidades Educacionais Especiais.
EAPE	Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
SEI	Sistema Eletrônico de informações

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Organização temporal dos documentos encontrados nas bases de dados citadas anteriormente	24
Quadro 2	Quadro com questões presentes no questionário aos professores	50
Quadro 3	Quadro com instrumentos para geração de dados	53
Quadro 4	Quadro com formações acadêmicas dos professores	58
Quadro 5	Quadro de coerência da pesquisa	65
Quadro 6	Proposta do Curso de Aperfeiçoamento	83

LISTA DE FIGURAS/IMAGENS

Figura 1	Distribuição da população por raça/cor da pele, Guará, 2021	55
Figura 2	População com seis anos ou mais de idade que declaram saber ler e escrever, Guará, 2021	55
Figura 3	Gráfico com a resposta dos/das professores (as) ao questionário	57
Foto 1	Materiais guardados na sala de leitura	60
Foto 2	Materiais guardados na sala de leitura	60
Foto 3	Computador dentro da sala de leitura	60
Foto 4	Livros e DVDs na estante	62
Foto 5	Livros na estante	62
Foto 6	Livros da temática antirracista	62
Foto 7	Livros “leituras diversas”	62
Foto 8	Organização do espaço	62
Foto 9	Caixas com livros separados por série	62
Foto 10	Caixas com livros separados por série	63
Foto 11	Livros organizados na estante	63
Foto 12	Livros na estante	63
Foto 13	Organização dos livros	63
Foto 14	Cartaz com legendas dos livros	64
Foto 15	Armário com materiais diversos	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
Questões norteadoras	21
Objetivo geral	21
Objetivos específicos	21
CAPÍTULO 1	23
<i>Estado da Arte</i>	23
CAPÍTULO 2	29
<i>Referencial Teórico</i>	29
3.1 A importância da Literatura Infantil na Educação	30
3.2 A representatividade na Literatura Infantil: o que seria uma Literatura Antirracista? ..	34
3.3 O papel do professor na seleção de obras literárias antirracistas	39
3.4 A obrigatoriedade do ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”: a lei nº 10.639 de 2003 acrescida do artigo 26-A.....	43
CAPÍTULO 3	48
<i>O início da expedição: o percurso metodológico</i>	48
2.1 Quem são os sujeitos da pesquisa: caracterização	53
2.1.1 Caracterização do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA)	54
2.1.2 Caracterização das escolas.....	54
2.1.3 Caracterização dos professores	56
2.1.4 Caracterização da sala de leitura/biblioteca de cada escola.....	59
CAPÍTULO 4	66
<i>Algumas descobertas importantes: análises dos dados gerados</i>	66
4.1 – Breve contextura das análises	66
4.2 – O trabalho intencional com a Literatura	69
4.3 – As dificuldades encontradas no trabalho com a Literatura Infantil	75
4.4 – A formação para uma Educação Antirracista	77
CAPÍTULO 5	82
<i>Produto técnico</i>	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89

Referências complementares – Literatura Infantil Antirracista	91
APÊNDICES	93
<i>APÊNDICE A – Quadro da costura textual nas bases de dados</i>	93
<i>APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</i>	99
<i>APÊNDICE C – Carta de Apresentação da Pesquisadora</i>	101
<i>APÊNDICE D – Solicitação de Pesquisa de Campo</i>	102
<i>APÊNDICE E – Solicitação de Pesquisa</i>	103
<i>APÊNDICE F – Carta de Encaminhamento</i>	104
<i>APÊNDICE G – Questionário</i>	105
<i>APÊNDICE H – Fotografias das Salas de Leitura da Escola Classe Amor</i>	107
<i>APÊNDICE I – Fotografias das Salas de Leitura da Escola Classe Beleza</i>	109
<i>APÊNDICE J – Fotografias das Salas de Leitura da Escola Classe Carinho</i>	110
<i>APÊNDICE L – Fotografias das Salas de Leitura da Escola Classe Diversão</i>	111

APRESENTAÇÃO

Ao cair da noite vejo muitas luzes e vaga-lumes que iluminam caminhos escuros.

Júnior, 2019

Era uma criança bastante animada e feliz, gostava muito de brincar com as minhas bonecas de “escolinha” com as minhas vizinhas, na calçada de casa. Uma brincadeira comum na época, a rua era um ambiente de grandes aprendizagens e outras partilhas, todos estavam lá, ao final da tarde para brincar de “bete”, “queimada” ou de “escolinha”, como eu. Lembro que tinha muita paciência com elas, mesmo sendo uma das mais velhas, cuidava com carinho de cada uma. Fui educada pelos meus pais, a tratar todo mundo com respeito e não pensar, jamais que era melhor que ninguém.

Um dia estava em uma dessas brincadeiras na calçada de casa, minha mãe mais longe assistindo, sem ser notada. Uma vizinha veio falar com ela, parecendo indignada e a questionou por que ela “deixava” a filha brincar na rua? Com essas pessoas? Lembro que essa conversa chamou a minha atenção, fiquei mesmo de longe, olhando o diálogo delas sem ser notada. Minha mãe não entendeu a pergunta e questionou o porquê desse incomodo? Ela não satisfeita, revelou o seu pensamento: brincar com essas crianças de “cor”! A palavra “cor” ressoou em meu coração, jamais isso seria um impeditivo para brincar ou não com uma criança.

Senti tanto orgulho da minha mãe, quando ela respondeu que o mais importante era o que essas crianças tinham em seus corações: a pureza da infância! Além disso, a cor da pele de uma pessoa não definia o seu caráter. Guardo em minhas lembranças, a atitude da minha mãe até hoje. Essas lembranças vêm a minha mente, nesse momento em que escrevo essa apresentação, elas movem a pesquisadora a buscar respostas e outras perguntas em minha trajetória acadêmica.

Meu pai trabalhava durante o dia e de noite fazia faculdade. E ainda precisava de energia, pois quando chegava em casa, eu estava escondida esperando-o me achar e me presentear com uma balinha sete belo. Quando ele podia, me levava para a faculdade, era um momento tão maravilhoso! Eu me sentia uma “aluna da faculdade” e com meu lápis na mão, caderno na mesa, brincava que estava anotando todo o conteúdo.

Além das brincadeiras de rua, a minha infância foi marcada pelas brincadeiras com a boneca Barbie que tinha, era um momento deslumbrante, imaginar a minha vida adulta retratada na boneca. Ganhei de presente, o quarto dela e do outro lado, o escritório. Brincava que era uma empresária bem-sucedida, morava pertinho do trabalho. Lembro também, que a Barbie retratada na minha época, seguia padrões de beleza que eu não via no meu cotidiano.

A minha vida escolar inicia aos 6 anos de idade, em minha primeira experiência em uma escola particular perto da minha casa. No ano seguinte, matriculada na Escola Classe 28 em Taguatinga Sul, na antiga 1ª série (hoje 1º ano), naquela época, era preciso dormir na fila para garantir uma senha, e meus pais assim fizeram para conseguirem a minha vaga nessa escola pública próxima à minha casa. A minha mãe e as minhas irmãs também tinham estudado nessa escola, em outros momentos, mas gostavam tanto de lá, que eu já cheguei na escola amando tudo.

Lembro que pela manhã, brincava no quintal, tomava banho, almoçava, assistindo ao "Chaves" e depois a minha mãe arrumava o meu cabelo. Um "rabo de cavalo" lá no alto da minha cabeça, parecia até uma japonesa de tanto que ela puxava o meu cabelo. Estava pronta! Caminhando com a minha mãe, observando o trajeto olhava as flores nos jardins, bichinhos na rua... Não demorava e uns dez minutos estava na escola, ela me deixava dentro da sala de aula, cumprimentava a minha professora e voltava para seus afazeres, pois não trabalhava fora de casa, mas muito dentro dela. Entrava toda feliz, a escola era toda colorida e muito aconchegante.

Minha sala era pertinho do parque e eu adorava! A minha professora chamava-se Socorro, era uma turma de alfabetização. E eu queria muito aprender a ler e escrever como as minhas irmãs mais velhas. A “tia” Socorro era muito carinhosa,

sempre nos abraçava e fazia leituras de histórias. Recordo também, das fichas mimeografadas que fazia e do lanche distribuído em sala. A biblioteca era um lugar mágico e eu sempre estava lá. O meu controle de livros era muito cheio, adorava ler. Na sala, com a professora Socorro descobri que ser professora alfabetizadora era o meu sonho!

A criança cresceu, e na adolescência precisa decidir se seguia pelo Ensino Técnico (na época, cada estudante tinha essa possibilidade de escolha) ou acadêmico (séries que focavam nos vestibulares). Optei pelo Ensino Técnico Normal - o Magistério - uma decisão tão difícil, decidir uma profissão para a “fase adulta”. Mas após a seleção para ingresso no Magistério, percebi a cada aula que tinha tomado a decisão certa, confirmando meu desejo infantil. Estudava o dia todo, a escola também era perto da minha casa e eu ia caminhando todos os dias pela manhã. A rotina era bem puxada, muitas leituras, trabalhos e avaliações. Era bem dedicada aos estudos e tinha boas notas nas disciplinas. Gostava de conversar com os professores, saber mais da rotina deles, das tarefas como professores e com esse envolvimento, fui alimentando ainda mais o sonho de ser uma professora.

Quando terminei o Magistério, fiz o vestibular em uma faculdade particular também em Taguatinga Sul, e cursei Pedagogia. Foram três anos de muito amadurecimento, como estudante como pessoa. Logo consegui um estágio, então precisava conciliar o trabalho na escola de tarde com a faculdade pela noite. E no ano final do curso, contratada como professora regente, estava preparando o meu casamento. Foi um ano e tanto!

E por aí fui deixando um pouco de mim e levando um pouco dos outros, até chegar em uma escola particular reconhecida, aqui em Brasília. Nesse caminho, fiz três pós-graduações, vários cursos, seminários e palestras. Sempre estudando e com muitas perguntas das quais queria respostas, mas com o tempo percebi que nem todas as perguntas têm uma resposta. Até que a semana pedagógica do ano de 2017, ficou marcada como o início de uma caminhada de mais mudanças em minha prática pedagógica. Estava trabalhando com uma turma que sempre sonhei: a alfabetização. Estava tão feliz, mas ao mesmo tempo querendo aprender mais para auxiliar melhor as crianças.

Tivemos várias formações sobre “Práticas de Leitura” com a professora Beatriz Gouveia, mestre em Psicologia da Educação e Pedagoga pela USP-SP, que compartilhou um pouco de suas experiências com a equipe pedagógica da escola, nos fazendo refletir sobre o nosso papel na nossa formação leitora, e conseqüentemente, na formação de nossos estudantes. Era o começo de um processo longo de transformação na comunidade escolar: pais, professores e equipe pedagógica envolvidos com a leitura.

Estava posto o desafio para todos os professores: como lidar com a sua formação e ao mesmo tempo garantir o acesso à leitura literária de qualidade aos seus estudantes, no meu caso em processo de alfabetização? A grande dificuldade, foi perceber-se no processo de formação e avançar com as minhas crianças, refletindo sobre as leituras que estava fazendo de obras do acervo da sala, por exemplo. Abarcar a literatura como um bem cultural, um direito de todos e não apenas sendo utilizada como recreação, sem intencionalidade pedagógica. Muito menos como uma obrigação escolar, mas um direito do sujeito, em processo de aprendizagem e constituição.

Uma formação ética, política e estética, que contribuiria para uma prática pedagógica mais respeitosa na literatura, principalmente a literatura infantil, nosso foco nesta pesquisa. Diante dos fatos apresentados, pesquisar sobre a relevância da literatura infantil em turmas de alfabetização, momento tão significativo na vida escolar apresentou-se bastante relevante. Principalmente, porque a pesquisadora atua nesse segmento e percebe o quanto se faz necessário ampliar o repertório literário dos estudantes. Nessa perspectiva, dentro dos estudos literários, trazer a temática antirracista na escolha de literatura infantil em turmas de alfabetização tornou-se objeto de estudo da presente pesquisa.

Quando percebi em meu ambiente de trabalho que os livros do acervo da biblioteca não contemplavam a temática mencionada, muito menos os livros selecionados pelas famílias, para constituírem o acervo da própria sala de aula. Essa *ausência* causou um grande incômodo, que me mobilizou a fazer o mestrado, em busca de algumas respostas. Assim, por que trazer a abordagem antirracista para a Literatura Infantil? Primeiramente porque a inclusão da temática antirracista nessa literatura é de extrema importância, pois, desempenha um papel fundamental

na formação das crianças, ajudando-as a desenvolver uma compreensão do mundo ao seu redor.

Ao apresentar leituras literárias que promovem a diversidade, a igualdade e o respeito às diferenças raciais, estamos educando as crianças desde cedo a valorizar a igualdade e combater o racismo. Além disso, a literatura infantil antirracista contribui para a construção da identidade das crianças pertencentes a grupos raciais minoritários, fornecendo-lhes representação. Ao se verem refletidas nas histórias, as crianças podem fortalecer sua autoestima, orgulho e senso de pertencimento, o que é essencial para o seu desenvolvimento saudável.

Em segundo lugar, a temática antirracista contribui na formação das crianças “brancas” também, pois quando as crianças (brancas e negras) estão em contato com histórias que abordam a negritude ou são escritas por negros (as), elas podem aprender sobre a importância da igualdade, do respeito e da empatia. Essa representatividade é fundamental, para que todas as crianças possam compreender que *a cor da pele de uma pessoa não define o seu caráter* como disse a minha mãe.

Isso é o que me move no Mestrado em Educação, o sonho de contribuir com a prática de vários professores e professoras, ampliar o repertório de diversas crianças em várias escolas do Distrito Federal e no mundo. Uma vez que ao pesquisar, estamos abrindo caminhos para mais e mais pesquisas sobre ou derivadas da temática, urgente e tão necessária em tempos contemporâneos. Mesmo que pareça algo que já foi tão falado e estudado, nunca é demais olhar sobre outro ponto de vista, sobre outra perspectiva e ampliar os nossos “olhares” de educadores para as nossas escolhas literárias.

Por fim, agradeço a cada sujeito (criança ou adulto) que passou pela minha vida. Contribuindo em minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. Grata por toda colaboração em meu percurso!

INTRODUÇÃO

O despertar da professora pesquisadora

Para uma criança, viver numa paisagem como aquela pode ser perigoso. Mas Obax não tinha medo. Corria pela planície em busca de aventuras e depois retornava com os olhinhos brilhantes. As histórias eram muitas.

Neves, 2010.

Os pressupostos, envolvidos no desejo de realizar essa pesquisa, estão intimamente ligados às percepções da necessidade de representatividade dos estudantes negros em salas de aula. A discriminação racial é uma realidade na vida da população. Precisamos garantir um lugar de fala e valorização dessa cultura, tirá-la da invisibilidade. Nos últimos anos, cresceram os estudos sobre práticas pedagógicas que buscam mitigar o racismo estrutural que está presente também no ambiente educacional brasileiro. Almeida (2019, p. 39) resume

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

Nesse contexto em que a desigualdade racial nos remete a uma discrepância social, oportunidade que muitas vezes é retirada da pessoa negra, nos leva a refletir sobre como estamos justificando o que há muito tempo existe na sociedade: a inferioridade econômica, social e de representatividade política dos negros e a superioridade dos brancos. Santos (200, p.99-100) afirma que

Falamos de quase metade da população brasileira, que se encontra nas funções de trabalho menos qualificadas, recebendo salários inferiores aos brancos, para desempenhar a mesma função e em alguns casos com um nível de escolarização superior. Pesquisas apontam que a população negra, especialmente as mulheres negras, têm investido cada vez mais em educação. Nessa década, elas estudaram quatro vezes mais que na década anterior. Fica evidente o poder transformador da educação.

A escola tem um papel muito singular na promoção dessa reflexão entre os estudantes, oportunizando por meio da literatura, questões que no cotidiano do estudante muitas vezes não são nem mencionadas. É nesse espaço coletivo regado de aprendizagens, que o professor tem o papel, e o dever político de favorecer uma formação a esse cidadão em constante transformação. Pensando na potência desse indivíduo ao voltar para a sua casa, se posicionando criticamente diante dos fatos e das situações que presenciar.

Um desses caminhos de mudança é utilizar a literatura como aliada para reverter essa história de opressão, trazendo a literatura antirracista para a escola, pois a comunidade escolar é um espaço de renovação social de um país. Portanto, é um ambiente propício para vários debates importantes a respeito da diversidade, do respeito e dos direitos do cidadão. Acima de tudo, a mudança de postura é um primeiro passo no combate ao racismo. Sabemos que existem vários tipos de racismo espalhados em nossa sociedade, mas o recorte que abordamos é sobre o racismo racial.

A literatura antirracista, aplicada à ação pedagógica planejada com uma intencionalidade e um propósito, é um direito emancipatório. Entende-se por *direito emancipatório* a busca de se promover a liberdade e a igualdade de todas as pessoas, especialmente daquelas que historicamente foram marginalizadas e oprimidas. Esses direitos buscam não apenas garantir a proteção legal e a igualdade formal perante a lei, mas também promover uma transformação social mais ampla para garantir que todas as pessoas possam exercer plenamente sua autonomia e liberdade.

Quando pensamos em direito, estamos refletindo sobre aquilo que é imprescindível à vida humana, o que não podemos deixar faltar jamais. Alimentos, roupas, abrigo são exemplos de bens materiais básicos, mas a literatura antirracista não é percebida como algo fundamental, até mesmo porque o ciclo de crianças a qual nos referimos, muitas vezes não fazem a leitura convencional. Mesmo sem saber ler de maneira convencional, todos sem exceção, têm o direito à literatura antirracista e, por meio dela, humanizam-se construindo e reconstruindo a sua própria história.

Por essa razão, o professor precisa compreender o quanto as suas escolhas, principalmente relacionadas à literatura antirracista, estão intimamente ligadas às suas concepções. Diante desse contexto, nossa **questão de pesquisa** é: o

professor (a) considera importante selecionar livros antirracistas em suas práticas pedagógicas?

Questões norteadoras

A questão levantada realçou outras inquietações que auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa:

- Como esse professor (a) escolhe os livros de literatura antirracista? Quais os motivos e finalidades dessa escolha?
- Existe uma preocupação, desse alfabetizador em selecionar leituras de autores negros ou com a temática antirracista?
- A biblioteca ou sala de leitura tem um acervo que promova esse encontro do leitor com a temática antirracista?

Objetivo geral

Analisar os motivos que levam à uma seleção de livros de literatura antirracista, pelos professores que se relacionam com os estudantes em processo de alfabetização.

Objetivos específicos

- Analisar a organização do trabalho com a literatura antirracista dentro da prática pedagógica cotidiana;
- Identificar as estratégias utilizadas pelo professor na seleção de literatura antirracista;
- Descrever o papel da biblioteca ou sala de leitura na promoção de um encontro do leitor com a temática antirracista.

A presente pesquisa organiza-se da seguinte maneira: no *primeiro capítulo*, anunciaremos os caminhos metodológicos percorridos: a pesquisa será realizada no enfoque qualitativo, com o propósito exploratório. Buscando compreender os critérios das escolhas literárias na temática antirracista pelos professores, utilizando como técnicas um questionário, a análise do Projeto Político Pedagógico de cada escola, a entrevista livre com a responsável pela biblioteca ou sala de leitura e fotos do acervo desses espaços.

No *segundo capítulo*, apresenta-se o “Estado da Arte” com a intenção de compreender o que já foi pesquisado sobre essa temática em um espaço de tempo de dez anos. Para isso, empreendemos um levantamento de artigos, teses e dissertações. Esses documentos corroboram com a necessidade de estudos voltados para a educação antirracista e ainda, trazendo a literatura infantil, como uma possibilidade de muitas reflexões críticas por parte dos futuros leitores.

Já no *terceiro capítulo*, apresentaremos as referências utilizadas para embasar a pesquisa no Referencial Teórico, com alguns subtítulos que conversam com o objeto de estudo apresentado nesta pesquisa. Ao elencar esses subtítulos, levamos em consideração a importância de referências que se dedicaram a pesquisar sobre a temática aqui abordada. Usamos como suporte teórico em nossas análises, os estudos de Brandão, Leal e Nascimento (2013), Colomer (2007, 2003, 2017), Lerner (2007), Zilberman (2003), Zilberman e Lajolo (2022), Candido (2004), Deus (2020), Silva (2022), Boaventura (2019), Munanga (2019), Almeida (2019), Cavalheiro (2010), Hall (,2006, 2019) Gomes (2010), entre outros.

No *capítulo quatro* analisaremos os dados gerados à luz da teoria com o propósito de contribuir com a comunidade escolar, na melhoria de suas práticas. Além disso, proporcionar a outros educadores interessados na temática, possíveis caminhos em suas práticas pedagógicas. Transformando suas escolas em espaços cada vez mais democráticos e antirracistas.

Já no *quinto capítulo*, apresentamos o Produto Final da nossa pesquisa: um curso de 40 horas no qual o (a) professor (a) que trabalha em turmas de alfabetização, receba uma formação reflexiva sobre os critérios necessários na seleção de livros de Literatura Infantil Antirracista.

Finalizamos a pesquisa com as Considerações Finais tendo como propósito revelar as descobertas feitas, possíveis respostas para várias perguntas e novas temáticas para futuras pesquisas sobre literatura infantil, não apenas na temática antirracista, mas em várias temáticas tão importantes e que merecem atenção.

A seguir, iniciamos o nosso registro com o Estado da Arte, um capítulo dedicado a entender as pesquisas que antecedem a nossa. O que elas podem contribuir na presente pesquisa ou deixam frestas que podem gerar novas investigações.

CAPÍTULO 1

Estado da Arte

A pele que eu tenho é só uma camada. Se quer mesmo me conhecer, precisa chegar perto, de coração bem aberto.

Kooks, 2022.

Com a intenção de compreender o que já foi pesquisado sobre *o trabalho com a literatura em uma perspectiva antirracista em turmas de alfabetização*, empreendemos um levantamento de artigos, teses e dissertações em um espaço de tempo de dez anos, que utilizavam os descritores: “critérios de seleção de literatura infantil” e “professor alfabetizador”, “literatura infantil” e “racismo”, “literatura infantil antirracista” e “prática pedagógica” em um recorte temporal de dez anos, nas bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), na primeira quinzena de julho de 2022 e retomando após um olhar refinado, em julho de 2023.

Em uma primeira busca nas bases, foram encontrados um total de 72 documentos (artigos, dissertações e teses). Refinamos o olhar buscando os que tinham o mesmo propósito, conversavam com os nossos objetivos de pesquisa e chegamos a 32 resultados. Mas ainda se tratava de muitos arquivos para uma análise aprofundada. Realizamos um último “ajuste na lente” procurando reduzir essa quantidade, de fato selecionar materiais que contribuam efetivamente com a nossa pesquisa. Para isso, foi preciso voltar ao meu quadro de coerência, reler o problema de pesquisa e meus objetivos (geral e específicos) para essa retomada. Chegamos ao quantitativo de 10 documentos (artigos, dissertações e teses) que tinham o mesmo objeto de pesquisa, a literatura, porém com alguns caminhos e percursos diferentes, mas que de alguma maneira auxiliaram em nosso estudo.

Para uma melhor compreensão, organizamos um quadro com esses documentos em ordem cronológica de publicação ou defesa, do mais antigo ao atual.

Quadro 1. Organização temporal dos documentos encontrados nas bases de dados citadas anteriormente

Título da dissertação ou tese	Autor	Ano de publicação	Instituição
1. Leitura literária e protagonismo negro na escola: Problematizando os conflitos étnico-raciais	Meire Helen Ferreira Silva	2016	Universidade Federal do Goiás
2. Fruição e autorregulação: a literatura infantil como meio para o desenvolvimento das crianças	Adriana Batista de Souza Koide	2016	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
3. Os grãos aportam na escola: por uma abordagem metodológica de literatura infantil negra nos anos iniciais do ensino fundamental	Wagner Ramos Campos	2016	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
4. Alfabetização e literatura na sala de aula: um estudo sobre práticas de uma professora com crianças de 6 anos.	Daniela de Carvalho Pena	2019	Universidade Federal de Ouro Preto
5. Protagonismo de meninas negras na literatura infantil contemporânea	Vanessa Rosa da Costa	2020	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
6. Experiências do racismo e o desenvolvimento da identidade étnico-racial em crianças negras	Ueliton Santos Moreira Primo	2020	Universidade Federal de Sergipe
7. O que aprendemos com as meninas bonitas? Análise de dados de uma pesquisa sobre racismo, gênero e literatura infantil	Helena Maria Marques Araújo Rosa Maria Noronha Dias	2020	Cadernos do CEOM, Chapecó (Artigo)

8. Onde estão as princesas africanas? Das práticas docentes ao Programa Nacional do Livro Didático e Literário	Edson Rodrigo de Azevedo	2021	Universidade Estadual Paulista
9. Nação, infância e seus outros: literatura infantil brasileira do século XIX ao início do XXI	Patrícia Santos Hansen	2022	Revista Brasileira de História (Artigo)
10. Um brinquedo diferente na luta antirracista na Educação Infantil: o livro literário	Cecília Maria Vieira Thaís Regina de Carvalho	2023	Universidade Federal de Santa Catarina (Artigo)

Fonte: Desenvolvido pela autora

A seguir, apresentamos um parágrafo síntese de cada documento, trazendo a sua essência e contribuições na presente pesquisa:

Silva (2016) trouxe uma pesquisa, preocupada com o constrangimento das crianças negras, em diferentes idades, frente aos momentos de relacionamento com os outros e até mesmo diante dos conflitos, que atravessam as relações étnico-raciais no cotidiano escolar. Elegeu a leitura literária como uma ferramenta de possíveis reflexões e análises sobre o racismo, uma vez que a literatura nos humaniza com o seu papel estético. Por meio da palavra literária, a pesquisadora constatou a linha tênue entre o trabalho literário relacionado às questões étnico-raciais, em uma rotina de sala de aula. Além disso, os silenciamentos presentes acabam por serem considerados “normais” no dia a dia.

A pesquisa de Koide (2016) trabalhou em uma perspectiva descritiva, abordando estudos sobre a literatura e educação infantil, formação docente e autorregulação. Em uma busca por democratizar o acesso aos livros literários e a urgência de informações contextualizadas aos professores, que em seu cotidiano estão desenvolvendo ações das quais as crianças levarão para a vida toda. Além do mais, discorre sobre a autorregulação como um dispositivo relevante na aprendizagem escolar e a importância da diversidade textual no repertório da turma. Relaciona como os livros literários chegam nas escolas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), ao processo de recebimento e utilização do

acervo nas salas, pelos professores. Mas diante dos fatos, Koide percebe que muitos professores desconhecem o programa PNBE, o que leva a várias questões, dentre elas a importância da formação docente. O estudo de Koide reafirma a importância do problema levantado em nossa pesquisa, reiterando a importância de estudos sobre temática abordada.

O texto de Campos (2016) entrelaça mais camadas nas questões sobre formação leitora, principalmente na temática étnico-racial na educação. Com interesse em dialogar com as vozes silenciadas da África e com as vozes atuais, segundo uma perspectiva negra. Um recorte dentro de tantas outras ideias, democraticamente trazendo à dimensão todas as reflexões necessárias e urgentes. O estudo aponta a importância de se desenvolver ações que amparem as práticas pedagógicas dos professores da educação básica no trabalho com a história e cultura africana, proporcionando momentos de diálogos após as leituras. Muitas questões levantadas servirão como ponto de partida para outras pesquisas e estudos, inclusive em nosso estudo, trazendo a importância do mediador de leitura (no nosso caso, o professor alfabetizador) e uma mudança de postura, por uma sociedade justa e igualitária.

A dissertação de Pena (2019), defendida na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em Minas Gerais, investigou a prática pedagógica de uma professora no trabalho com a literatura infantil no processo de alfabetização de crianças. A pesquisa evidenciou o uso da literatura nas ações docentes, os critérios de seleção eram de acordo com as especificidades da turma, com fins pedagógicos e suas estratégias tinham um cunho de ensinamento. A escola é um espaço fundamental para o acesso ao trabalho literário desde muito cedo, disponibilizando às crianças o contato com obras diversas, o que amplia o pensamento crítico e reflexivo nas turmas de alfabetização, aproximando o sistema de escrita ao objeto do conhecimento.

Costa (2020) aborda em sua pesquisa como são apresentadas as protagonistas meninas e negras em livros de literatura infantil contemporânea, analisando dez obras literárias selecionadas a partir da plataforma Geledés e do acervo pessoal da docente-pesquisadora. Visto que a literatura contribui na formação do sujeito, ainda observamos inúmeras situações no cotidiano de preconceito, violência e opressão. Algumas descobertas foram feitas a partir da análise de obras literárias, que confirmaram a preocupação dos autores com a representatividade em suas obras,

um protagonismo e empoderamento negro. A pesquisa de Costa nos faz refletir sobre a importância dos estudos voltados aos critérios de seleção e as escolhas intencionais dos educadores, falam muito sobre suas convicções.

Primo (2020) analisa em sua pesquisa, os impactos do racismo em crianças em período escolar, enquanto desenvolvem-se criticamente em seus conhecimentos. Medidas antirracistas são urgentes no âmbito escolar, assim como em toda sociedade é preciso um envolvimento da comunidade para superar ações racistas. Com uma sensibilidade em sua escrita, Primo nos faz refletir sobre fatos da nossa história sobre o racismo, intimamente ligado à discriminação racial e ao preconceito. A investigação do fenômeno racista e os seus desdobramentos na escola trazem ao debate as relações étnico-raciais em contexto escolar.

A pesquisa de Araújo e Dias (2020), trabalhou com a análise dos dados colhidos pela pesquisa intitulada “Meninas bonitas – um estudo sobre empoderamento feminino e relações étnico-raciais” no contexto escolar a partir da literatura infantil. As rodas de leitura, instrumento utilizado na pesquisa, são um instrumento eficaz na resignificação da cultura, da estética e da história dos povos da Diáspora Africana. A observação das falas das participantes e até mesmo do silenciamento, emergiram questões fundamentais como: desaprender, desnaturalizar o olhar, problematizar o que está posto como natural e pensar de outras tantas formas.

Azevedo (2021) traz ao debate o resultado de um processo dialógico, investigativo e científico, pautado nas inquietações e problemáticas da cultura africana e afro-brasileira dentro dos espaços educacionais. Pensar sobre o racismo e a sua origem em nossa sociedade, debates que já aconteciam há muito tempo e duram até os dias atuais. O quanto a escola, como espaço coletivo, precisa proporcionar reflexões sobre o racismo, principalmente nos anos iniciais, pois nessa faixa etária estamos contribuindo para a formação crítica do sujeito que inicia sua vida escolar.

Hansen (2022) traz à luz as discussões sobre a literatura infantil disputada por diferentes sujeitos e com os mais diversos objetivos. É preciso revelar que o modelo de infância brasileira está intimamente ligado aos moldes europeus, por isso a magnitude das práticas pedagógicas de mediação de leitura, em ambientes escolares, pois nas escolhas literárias assumimos ou não a manutenção do racismo estrutural.

Carvalho (2023) trouxe como preocupação central o debate da educação antirracista na Educação Infantil, pois defende que a prática pedagógica antirracista, realizada desde cedo contribui no processo de formação crítica da criança. Por isso a responsabilidade do educador, frente a situações de silenciamento favorecendo ações de valorização da população negra. Para tanto, foi elaborado um projeto que se transformou em fio condutor para elaboração de um portfólio digital, por parte das crianças e com auxílio dos professores. Partindo da crença de que a literatura infantil constitui uma possibilidade riquíssima para o fortalecimento da luta antirracista, uma vez que inclui a temática de uma maneira sem igual, trazendo a responsabilidade à sociedade na formação dos futuros leitores.

Observou-se nesses documentos, uma urgência no trabalho literário antirracista assim como em nossa pesquisa, fica claro a importância dos critérios e das escolhas literárias dentro da sala de aula, da potência do trabalho com a literatura na prática pedagógica do professor. Cada documento, após a leitura ficou evidente a preocupação em estudar sobre essa temática, o quanto a literatura humaniza e contribui na formação das crianças, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Selecionar os materiais, no Estado da Arte, possibilitou um novo olhar para o problema, questões de pesquisa e objetivos (gerais e específicos), pois materializou alguns referências e procedimentos metodológicos que foram de extrema importância nesse momento da nossa pesquisa.

Elucidando o interesse em pesquisar sobre a literatura antirracista, apresento a seguir o Capítulo 2 – Referencial Teórico com o objetivo de analisar o que se tem pesquisado sobre a temática, trazendo referências atuais e relevantes para os recortes necessários que embasam a análise de dados posteriormente. Nesse tópico, trago autores com várias contribuições no campo da Leitura Literária, da literatura antirracista e sobre as práticas pedagógicas que auxiliam o (a) professor (a) nos critérios de seleção.

CAPÍTULO 2

Referencial Teórico

Depois de guardar as panelas e calçar as sandálias, ela falou:
-Estou pronta também, Adika. Onde você está?
Já estou aqui, Mama.

Chamberlin, 2005.

No capítulo anterior denominado Estado da Arte, vimos as pesquisas que conversam com a presente pesquisa. Mas outras leituras foram realizadas em livros e artigos, onde ficou muito evidente a necessidade de trazer ao debate alguns temas importantes e que fundamentam a presente pesquisa. Com a questão-problema de compreender se o professor (a) considera importante selecionar livros literários antirracistas em suas práticas pedagógicas, se faz necessário saber qual o papel da literatura antirracista nas práticas pedagógicas, e além disso qual o espaço ela tem de fato.

A nossa pesquisa pretendeu abarcar a importância da literatura antirracista em turmas de estudantes que vivenciam o processo de alfabetização. Ou seja, crianças que estão iniciando a vida no Ensino Fundamental I. Mas com efeito, de que tipo de literatura estamos tratando? O que é preciso conter esse tipo de literatura para ser considerado antirracista? Pretendemos responder essas questões, embasados em diversos pesquisadores da temática e autores que em seus textos, preocupam-se com essa representatividade.

Além disso, qual o papel do professor, no nosso caso de turmas de alfabetização, o que o motiva na seleção e escolha desses livros. Os critérios que o movem a selecionar um livro e levar para a sua sala de aula, fazer a leitura aos seus estudantes e conversar sobre o texto. Esse ponto é muito importante e revela as concepções desse educador, que conseqüentemente afeta os estudantes de maneira reflexiva.

A seguir, iniciamos o nosso referencial com as pesquisas realizadas por Zilberman, Colomer, Lerner e outros.

3.1 A importância da Literatura Infantil na Educação

Vem um pouco de chuva, floresce a mangueira.
Vem uma pequena ideia, floresce a imaginação.
Rumford, 2005.

A literatura é fundamental ao ser humano, pois por meio da fabulação temos a possibilidade de conhecer novas culturas, histórias passadas ou simplesmente tentar compreender um pouco mais do universo complexo da humanidade. Assim, ao entrar em contato com ela, temos a possibilidade de viver narrativas que nos permitem uma aproximação com situações, que talvez, nunca fôssemos vivenciar. Conhecendo mais sobre aspectos importantes da nossa própria essência, o que aos poucos, nos humaniza, como afirma Cândido (2004, p. 176)

A função da literatura está ligada à complexidade de sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significados; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é a forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

Mas é importante ressaltar, que ao tratar da literatura infantil estamos falando de uma preocupação com esse público, recente, uma vez que os livros destinados às crianças iniciaram no fim do século XVII. Antes desse período, não existia o conceito de “infância”, uma etapa da vida humana, com interesses e particularidades próprias, diferentes da fase adulta, da qual o mundo estava organizado e planejado. Zilberman (2003, p. 15) salienta que “a mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular”. Adultos e crianças compartilhavam os mesmos objetos e acontecimentos, sem nenhuma distinção, e, muito menos, vínculos amorosos. Os estudiosos da época tinham outras preocupações, em relação à literatura (em sua magnitude), e por não perceber a infância como uma fase repleta de desafios, não escreviam para eles, e conseqüentemente, não cuidavam como era preciso.

Com a nova organização das famílias, reconheceram a infância e perceberam que as crianças tinham seus interesses e particularidades, o que em paralelo aumentou a produção de brinquedos, livros, roupas...tudo voltado a esse público.

No caso da literatura, foi apresentada na escola, com o propósito de aproximar esse público infantil a textos que auxiliassem em sua educação. Para Zilberman (2003, p. 15) o “sintoma disso é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo”.

Sendo assim, a literatura infantil não se tornou popular e com extrema relevância na sociedade, pelo contrário. Era algo para um público com maior poder aquisitivo. Colomer (2003, p. 44) acredita que “a literatura infantil foi considerada um texto literário menor, já que se trata, geralmente, de um texto menos desviado da norma, menos que um poema vanguardista, por exemplo”. O poder avassalador literário, reduzido a uma literatura didática, dentro de livros e cartilhas, uma leitura com a intenção de ensinar algo ou reforçar algum ensinamento, na visão do adulto. E em alguns casos, uma literatura a favor corroborar com o racismo, trazendo personagens negros apenas como serviçais.

A escola como uma das vias detentora do poder em educar o sujeito, tem “um certo controle” do que as crianças aprendem, por meio do que se é ensinado. Inclusive sobre o que elas leem em suas aulas, trazendo textos que não são reais, mas textos escolarizados com a intenção bem pedagógica. Personagens estereotipados, que não retratam o nosso cotidiano, mas uma cultura que corrobora para o racismo.

Os estudos sobre a teoria literária avançavam e os interessados pela literatura infantil igualmente, e com isso, as discussões teóricas foram ampliadas sobre a “qualidade” dos escritos, para atender melhor ao público destinado: a criança. Afirma Zilberman (2003, p. 51) “os esforços se centraram então, mais do que em procurar marcas literárias, em definir os traços específicos da literatura para crianças e em seu lugar as obras pelo seu êxito no uso das convenções do gênero”.

A literatura autoriza a emancipação da criança ao colocá-la em evidência e destaque nas histórias, antes necessitando de um adulto, agora vivendo as aventuras independentes dos outros. Zilberman (2003, p. 30) declara que “é essa possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferta à educação”. É na escola, com um pensamento disruptivo, que a literatura ganha destaque ao estabelecer várias relações com o leitor, ampliando a sua criticidade diante dos fatos externos ou internos.

À vista disso, impossível ler um livro que aborda temas humanos e não se sentir afetado, posto em reflexão e até com uma postura diferente sobre determinado

assunto. O trabalho com a literatura, no ambiente escolar possibilita a apresentação de aspectos importantes desse objeto de ensino e as semelhanças com o uso social dele. Lerner (2002, p. 27-28), compreende que o papel da escola “é formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores do texto com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros”.

Nesse contexto, o trabalho com a literatura antirracista assume um papel fundamental de aproximação com a realidade da qual os estudantes estão inseridos. Ainda que em alguns momentos, preferimos não abordar livros com temáticas difíceis e, por isso, os distanciamos de um ambiente favorável ao aprendizado das práticas sociais e ao ensino propriamente da leitura, com suas particularidades. De acordo com Solé (1998, p. 45) “esse processo remete à possibilidade de relacionar de uma forma não arbitrária e substantiva o que já se sabe e o que se pretende aprender”.

Sabemos que as turmas de alfabetização vivem uma realidade na qual o estudante está em processo de aquisição do sistema de escrita alfabética e conseqüentemente, da leitura e interpretação de texto de diferentes tipos e gêneros. Mas é preciso compreender que antes da leitura convencional o estudante já é capaz de atribuir sentido aos textos que lê. Mesmo sem saber ler, eles recontam contos, por exemplo, com uma linguagem literária como se estivessem de fato lendo. A literatura, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura. (ZILBERMAN, 2003).

Sobre o assunto, Brandão e Leal (2005) defendem a importância de focar eixos como o de leitura e produção textuais, mesmo antes de os aprendizes consolidarem o objeto de escrita alfabética. Para as autoras, a apropriação da base alfabética de escrita deve ocorrer em concomitância com o aprendizado dos gêneros textuais.

Acreditamos na relevância do contexto familiar e cultural do estudante como aspecto constitutivo na formação do sujeito. Partilhas como essas, são importantes no processo de aprendizagem por favorecer a ampliação do repertório. Assim, a articulação entre a literatura e a temática antirracista constitui-se um bem cultural, um direito emancipatório do sujeito em desenvolvimento, pois uma formação ética,

política e estética, certamente, tem implicações na prática pedagógica. Para Lerner (2002) as ações voltadas à literatura

contribuem para cumprir diversos objetivos didáticos: comunicar o sentido e o prazer de ler para conhecer outros mundos possíveis, desenvolver as possibilidades dos alunos de apreciar a qualidade literária (ou detectar sua ausência), formar critérios de seleção do material a ser lido, gerar comportamentos leitores como o seguimento de determinado gênero, tema ou autor.

Para tanto, as intervenções docentes acerca das práticas pedagógicas relacionadas à literatura, integram aspectos de grande relevância no cotidiano escolar. Uma experiência vivida dentro da sala de aula, no espaço escolar, com a intenção de formar leitores críticos, autônomos em suas escolhas, livres e criativos na constituição desse sujeito ativo. Nessa mesma direção, Brandão (2006) assegura que ao trazer para a sala de aula, textos de diferentes esferas sociais e que interessem às crianças, cabe ao docente mediar as relações com esses escritos, de modo a desenvolver leitores ativos e autônomos.

Mas quais livros selecionar? Como garantir a qualidade? O que olhar ao selecionar um livro clássico? Essas e outras questões começaram a fazer parte das angústias nos momentos de planejar as aulas, pois a leitura precisava ser garantida na rotina na sua melhor forma. Freire (1997, p. 29) ressalta a importância da pesquisa na prática pedagógica quando afirma que

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Diante dos fatos apresentados, pesquisar sobre a relevância da literatura antirracista em turmas de alfabetização, momento tão significativo na vida escolar apresentou-se bastante relevante. Principalmente, porque a pesquisadora atua com essa turma e percebe o quanto se faz necessário ampliar o repertório literário dos estudantes. A literatura antirracista tem um lugar de destaque na contemporaneidade e muitos especialistas (pedagogo, psicólogo, terapeutas...) fazem uso dela em diversas atividades para trabalhar com seus pacientes/estudantes. Zilberman (2003, p. 25) nos apresenta como a literatura procede com os sujeitos:

ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas

e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com as suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor

Nessa perspectiva, dentro dos estudos literários trazer a literatura antirracista em turmas de alfabetização tornou-se objeto de estudo da presente pesquisa. Quando a pesquisadora em seu ambiente de trabalho percebeu que os livros do acervo da biblioteca não contemplavam a temática mencionada. Muito menos os livros selecionados pelas famílias, para constituírem o acervo da própria sala de aula. Essa *ausência* causou um grande incômodo, que mobilizou a pesquisadora a fazer o mestrado, em busca de algumas respostas. É nesse caminho que vamos aprofundar nossas discussões, na próxima subseção.

3.2 A representatividade na Literatura Infantil: o que seria uma Literatura Antirracista?

Para florescer uma nova vida, um novo mundo rejuvenescido, o trabalho do homem é o de adubar para promover apodrecimentos. Só existe uma jovem manhã depois de uma antiga noite.

Queirós, 2009

Infelizmente, assistimos ao amistoso da seleção brasileira¹ no dia 27 de setembro de 2022 quando a seleção brasileira comemorando o gol, recebe dos torcedores adversários bananas arremessadas em sua direção. Um ataque à integridade dos jogadores brasileiros, que foram do seu país de origem, ao marcarem o gol recebem esse tipo de retalhação racista dos torcedores tunisianos. O fato nos leva a pensar na ação de levar a fruta para um estádio: fruta seria realmente para alimentação ou se eles já estavam planejando a ação? Boaventura de Souza (2019, p. 216) afirma que “Em sociedades muito desiguais e injustas como as nossas, quanto mais intensa a opressão, mais difícil se torna para os grupos oprimidos comunicar o sofrimento e as emoções que acompanham essa experiência de forma a suscitar solidariedade ativa”.

¹ Para saber mais: <https://www.terra.com.br/esportes/torcedor-joga-banana-no-campo-durante-comemoracao-de-gol-do-brasil,f4a6d1b756dbd2811dd60adc7dc0495081jzvpra.html> acessado em 28/9/22 às 20h40.

Até quando isso será aceito? Como conviver com essas e outras ações que não consideram a pessoa, que menosprezam o sujeito? Todos os dias assistimos nos jornais, situações em que “alguém” agiu com racismo, agrediu, ofendeu. Não podemos ficar calados, é preciso trazer ao debate questões como essa. E a escola é um campo fértil para esse diálogo, um lugar privilegiado de trocas e partilhas importantes na nossa formação como cidadão. Silva (2022, p. 73) destaca que

A educação precisa debater a diversidade étnico-racial sem transformá-la em desigualdade, objetivando minimizar essas mazelas sociais e possibilitando ações concretas por meio do currículo, que deve ser comprometido com a construção positiva de uma identidade negra.

Nesse contexto, a literatura antirracista é um “instrumento” de ações e reflexões importantes. Tanto para professores quanto para as crianças, pois nessa partilha de uma leitura, várias conexões são feitas e refeitas. Ela configura-se como uma ação importante, principalmente nas escolas e espaços formativos, justamente por nos oportunizar expressar nossas emoções, mesmo que no mundo imaginário da leitura. Teresa (2007, p. 32) alega que

A formação do leitor literário como justificção da tarefa educativa se integra na maioria das reflexões e dos programas curriculares surgidos recentemente. A mudança de ótica se visualizou também ao substituir-se a forma habitual de “ensino da literatura” por uma nova denominação de “educação literária.”

A socialização da atividade de ler traz consigo benefícios que multiplicam os que por si só acompanham a leitura. A leitura comum de um texto, mediante discussão, é uma das maneiras mais eficientes de se aproximar de modo mais aprofundado de materiais escritos e, por consequência, despertar interesse por outras leituras. Para além de uma lei, como direito garantido, conhecer mais sobre o povo africano é conhecer mais sobre cada um de nós. Essa valorização deve iniciar desde o início da vida escolar, onde as crianças têm contato com tantas outras pessoas de culturas tão diversas. Gomes (2018, p. 235-236) ressalta

Além disso, quanto mais aumenta a consciência da população pelos seus direitos, mais a educação é tomada na sua especificidade enquanto direito social. E mais, como um direito social, que deve garantir nos processos, políticas e práticas educativas a vivência da igualdade social, da equidade e da justiça social aos diferentes grupos sociais e étnico-raciais.

Essa é a verdadeira importância da literatura Afro-Brasileira, tornar cada sujeito uma pessoa melhor a partir de todas as possibilidades que o mundo literário nos permite. E nas trocas com o outro, novos significados surgem em nossas reflexões. É necessário garantir o direito à literatura de qualidade, e o acesso à cultura Afro-

Brasileira, em nossas escolas. Nessa perspectiva, a escola é um campo fértil para esse diálogo, um lugar privilegiado de trocas e partilhas importantes na formação do cidadão. Assim como Silva (2022, p. 73), acreditamos que a educação

Precisa debater a diversidade étnico-racial sem transformá-la em desigualdade, objetivando minimizar essas mazelas sociais e possibilitando ações concretas por meio do currículo, que deve ser comprometido com a construção positiva de uma identidade negra.

Nesse contexto, a literatura antirracista é um instrumento de ações e reflexões importantes, tanto para professores quanto para as crianças, pois nessa partilha literária, várias conexões são feitas e refeitas. Ao configurar-se como uma ação importante, principalmente nas escolas e espaços formativos, a literatura nos oportuniza expressar nossas emoções, mesmo que no mundo imaginário. De tal modo, para Colomer (2007, p. 32)

a formação do leitor literário como justificção da tarefa educativa se integra na maioria das reflexões e dos programas curriculares surgidos recentemente. A mudança de óptica se visualizou também ao substituir-se a forma habitual de “ensino da literatura” por uma nova denominação de “educação literária”.

Nesse caminho, trazer a literatura antirracista para o contexto escolar se faz extremamente necessário. O próprio documento “Currículo em Movimento do Distrito Federal - Anos Iniciais e Anos Finais”² de 2018 assegura que em 2003, tornou-se obrigatório o ensino de História e Cultura africana, afro-brasileira (DISTRITO FEDERAL, 2018). A legislação mudou, e o que falta acontecer para ela deixar o papel e ser uma prática real nas escolas do Distrito Federal? É preciso pensar e refletir as ações pedagógicas nas salas, contudo uma mudança de postura na escola, perpassa reiterar o papel do leitor em constante aprendizado, dentro do próprio processo de alfabetização. Gomes (2018, p. 250) resume sua posição nesse trecho

Trata-se de uma reivindicação que vai além das cotas raciais, demandando a igualdade racial no mercado de trabalho, nos meios de comunicação, nas universidades públicas, na saúde, enfim, nos vários setores sociais em que a desigualdade racial se perpetua. Trata-se também, de um espaço de confluência de práticas e saberes produzidos

² Currículo em Movimento do Distrito Federal disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curriculo-em-Movimento-Ens-Fundamental_17dez18.pdf, acessado em 28/07/23 às 18h40

pela comunidade negra ao longo dos anos e sistematizados pelo movimento negro.

A literatura antirracista transforma as nossas vidas e possibilita um encontro singular e subjetivo, com as relações que já tivemos para além do texto escrito. Nas trocas com o objeto (livro literário), novos significados surgem e questões surgem. Nessa perspectiva, o “chão da escola” é um campo cheio de oportunidades para um trabalho pedagógico relacionado à temática racial, mas, é preciso compreender como pensam as professoras que trabalham com o ciclo de alfabetização. Para Santos (2019, p. 98) o “quanto mais acesa a luta, mais intenso o debate relativo à interpretação de textos, tanto escritos como orais. Em determinados contextos e em certos momentos, a luta pode até reduzir-se a um conflito de interpretações.

A leitura mediante discussão, é uma das maneiras mais eficientes de se aproximar de modo mais aprofundado de materiais escritos e, por consequência, despertar interesse por outras leituras. Ressignificar o ensino da literatura antirracista na alfabetização, possibilita uma formação crítica e atual para um convívio na sociedade acreditamos que a literatura nas turmas de alfabetização, trazem um repertório para crianças nesse processo de aprendizagem, que despertam ainda mais o interesse pela leitura e escrita.

As ações dos professores (lendo bons textos) trazem um exemplo de como um leitor com mais autonomia, faz ao escolher os livros, comentar sobre as narrativas. É função da literatura antirracista, também no cotidiano escolar, não perder o seu caráter formador, para dar lugar a um instrumento avaliativo como os questionários ou avaliações. Essa é a real necessidade de um trabalho dentro da rotina escolar, garantido no dia a dia, só assim o estudante pode construir sua história como leitor. São os ajustes necessários na rotina escolar e conseqüentemente, no currículo, que cada escola necessita fazer e com isso assegurar um trabalho de qualidade com a temática. Silva (2022, p. 73) afirma que a educação

precisa debater a diversidade étnico-racial sem transformá-la em desigualdade, objetivando minimizar essas mazelas sociais e possibilitando ações concretas por meio do currículo, que deve ser comprometido com a construção positiva de uma identidade negra.

Assim, concebemos que é preciso trazer à tona a importância dos estudos da cultura e história afro-brasileira-Brasileira em nosso cotidiano escolar, como vimos garantido no “Currículo em Movimento”, citado anteriormente. Em pequenas “revoluções” podemos mudar a concepção colonizadora, valorizando e entendendo

as contribuições africanas em nossas vidas. Compreendemos que não podemos trabalhar na perspectiva antirracista apenas perto do Dia da Consciência Negra, com trabalhos e leituras voltadas à essa temática. É preciso sim, uma valorização desde o início do ano, com ações que permitam refletir sobre a presença do racismo em nosso cotidiano.

Construir um projeto que aborde a temática antirracista se faz urgente nas escolas, pois através do mesmo temos a oportunidade de conhecer mais sobre a nossa própria história e com isso, uma valorização da nossa cultura. Esse movimento deve iniciar desde o início da vida escolar, onde as crianças têm contato com tantas outras pessoas de culturas tão diversas. As dificuldades reveladas no trabalho literário, prejudicam a formação leitora crítica dos estudantes em salas de alfabetização.

O trabalho pedagógico relacionado a literatura antirracista nas escolas deve levar em consideração que os estudantes “fora dos muros escolares”, em sua maioria, em acesso à várias informações, que contribuem para a sua aprendizagem. E a escola precisa, ao menos, garantir a literatura dentro de suas salas, como um direito, bem como o conhecimento das outras disciplinas.

Precisamos garantir o direito à literatura antirracista, e mais além, precisamos garantir o acesso à cultura Afro-Brasileira, em nossas escolas. É preciso uma mudança de postura, tanto dos educadores quanto dos espaços institucionais. Uma verdadeira comunidade escolar engajada com a possibilidade de diversos momentos literários intensos, que acionem o lado subjetivo de cada leitor. Boaventura de Souza (2019, p. 95) defende que

Nos processos de luta, as histórias configuram muitas vezes conhecimento capacitador, seja porque realçam a força dos oprimidos (por exemplo, lembrando-os de vitórias passadas), seja porque reduzem a força dos opressores (por exemplo, ridicularizando a realidade que eles têm como incontestável ou sublinhando a fragilidade das relações de poder que eles têm como inalteráveis). Contam-se histórias, cantam-se canções com o mesmo objetivo de criar um sentido intensificado de partilha e de pertencimento que irá contribuir para reforçar e radicalizar a vontade de transformação social.

Quanto mais conhecemos sobre as narrativas e sobre o mundo, mais ampla é a rede que podemos tecer em cada leitura. Sendo a leitura literária uma expressão cultural é importante apresentar a variedade de textos produzidos por diferentes culturas e as inúmeras relações que podem existir entre eles.

A próxima seção se encarrega de discutir o papel do professor na escolha dos livros de literatura antirracista, bem como procura exemplificar o que seria a literatura antirracista.

3.3 O papel do professor na seleção de obras literárias antirracistas

Toda história que se escreve deve deixar uma porta aberta pra liberdade...
Um anjinho diz pra nós, cantando com a sua voz feita de sinos e honos:
LIBERDADE, IGUALDADE... MESMO TARDE!

Orthof, 1932-1997

A literatura é algo essencial ao ser humano, principalmente para crianças em uma etapa escolar tão importante como na alfabetização. Em cada leitura, ela tem a possibilidade de se relacionar com o texto, com aspectos que mexem com os seus sentimentos e emoções. Em um momento inicial da sua vida escolar: em um encontro mais próximo com o texto escrito, com a leitura propriamente dita e todas as suas relações. Uma construção de sentidos e significados, de memórias importantes que muitas vezes levará para toda a sua jornada escolar.

Sabendo da relevância da literatura na vida escolar, o professor tem um papel fundamental nesse processo. Ao selecionar os livros literários antirracistas, ele tem em suas mãos o “poder” de contribuir na formação crítica de seus estudantes. O que diz muito sobre as suas concepções em relação à criança, ao ensino e até mesmo a própria literatura. Parece um ato simples, selecionar um livro e fazer a leitura, mas na realidade não é algo simples, mas algo carregado de significado. Candido (2004, p. 180) afirma que “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Primeiro é importante destacar que o professor, apesar de ser um ator importante no processo escolar, não é o único agente de transformação. A escola como espaço coletivo, também tem o seu papel na formação leitora dos estudantes, sendo assim, todos os profissionais da escola podem contribuir nesse processo formativo. Mas vamos destacar o professor, como um agente que lida diretamente com o nosso sujeito em processo de alfabetização.

Destacada a importância do professor na escolha dos livros literários e necessário destacar nesse momento, quais os critérios para uma seleção adequada de livros. E muitas questões surgem nessa etapa: escolher livros menores? Mais imagens e menos escrita? Livros que ensinam algo? Ou que

transmitem valores? O professor com tantas demandas de planejamento, avaliações e trabalhos, ficam abarrotados de demandas e a escolha do livro literário, acaba não sendo uma prioridade.

Elencar alguns critérios nos parece algo significativo, principalmente compreender como realizar essa seleção, como contribuir na formação de nossas crianças, que muitas vezes apenas na escola conseguem acesso a muitas informações e possibilidades que em suas casas não tem. Mas como iniciar esse processo de seleção em um mundo cheio de ofertas? Não é possível ler tudo o que existe no mercado literário hoje, mas é preciso eleger alguns pontos importantes no momento da escolha. Colomer (2017, p. 252) reitera que

Consultar as seleções oferecidas por revistas ou especialistas que mereçam nossa confiança e criar grupos de leitura entre pais, bibliotecários ou professores são formas de chegar a uma produção já aprovada, o que facilita enormemente a busca própria.

Atualmente, existem muitas listas de livros literários de fácil acesso em sites, revistas e até mesmo em redes sociais. Esse pode ser um ponto de partida no momento das seleções, uma vez que especialistas já sentaram e analisaram obras literárias que são de qualidade. A Revista Emilia³, uma Organização da Sociedade Civil (OSC) sem fins lucrativos que age produzindo vários documentos de qualidade e gratuitos, na preocupação com a formação leitora e com a promoção do livro e da leitura. A Revista pode ser usada como uma ferramenta pelos professores, nessa seleção de qualidade proporcionando além disso, formações importantes nesse processo de escolha.

O que seria então um “livro de qualidade” de acordo com Zilberman (2003, p. 26-27)

Assim, os critérios que permitem o discernimento entre o bom e o mau texto para crianças não destoam daqueles que distinguem a qualidade de qualquer outra modalidade de criação literária. Seu aspecto inovador merece destaque, na medida em que é o ponto de partida para a revelação de uma visão original da realidade, atraindo seu beneficiário para o mundo com o qual convivia diariamente, mas que desconhecia.

Falar em “qualidade” é atribuir muitos significados ao livro literário, que muitas vezes vão além de uma estética bem cuidada pelo autor/ilustrador. Em sua escrita, ele também revela a sua concepção de criança, até mesmo porque falando de

³ Para saber mais sobre a Revista Emilia: <https://emilia.org.br/> acessado em 15/07/23 às 10h

literatura infantil, o público no geral são as crianças. E elas estão cada vez mais informadas e atualizadas devido ao acesso e a exposição tecnológica em qual estão imersas. É uma geração de informações muito rápidas, devido ao uso da internet e tudo o que ela proporciona. Cativar o interesse nesse leitor torna-se algo bastante difícil, mas não impossível.

Na escrita literária, a narrativa precisa apresentar-se de maneira coerente, em uma ordem cronológica e com personagens que tragam o leitor para a história, prendam sua atenção do início ao fim da trama. Colomer (2017, p. 256) comunica

Ou seja, em cada um dos elementos com os quais se constrói uma narrativa tem-se um leque de possibilidades. Umas resultam mais difíceis que outras para o leitor, mas do que se trata ao avaliar a qualidade é analisar se as opções do autor ao escolher os elementos construtivos se encontram realmente a serviço do que se deseja contar e se todos estes aspectos colaboram para ampliar a experiência literária de sua leitura.

Outro aspecto bastante relevante é a linguagem utilizada na narrativa, as palavras são importantes na construção da história e devem ser usadas com sabedoria na construção da obra literária. Não significa escolher palavras mais fáceis para crianças, porque a trama necessita de um enredo e dentro de um contexto, o que pode ser difícil aos olhos do adulto, passa despercebido na visão da criança. Bakhtin (2020, p.178) realça que “a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva”.

Essa escolha de palavras para compor um diálogo na narrativa, dão pistas importantes de como o autor articula os elementos para compor a sua história. Levando o leitor a perceber quem fala em determinado momento, contribuindo para o equilíbrio da trama, além de compor de forma gradativa toda a complexidade relatada. Colomer (2017, p. 257) acredita que “são os personagens que falam e não há que ouvir o autor informando ao leitor ou dando um sermão moral por meio deles, como sucede em muitos livros infantis”.

Também é valioso refletir sobre o início e o fim das narrativas literárias, pois nesses dois momentos é fundamental localizar o leitor de onde se passa a história, com elementos que permitam essa compreensão, assim como ao encerrar merece um desfecho de final feliz, um final aberto ou até mesmo um final negativo. Para Colomer (2017, p. 257) “a busca da cumplicidade com o leitor provoca um final duplo: o explicitado pelo narrador e o percebido pelo leitor.

Esses são alguns aspectos que demandam um tempo maior na seleção do professor, pois são panoramas que demonstram também um planejamento por parte do autor/ilustrador que merece sim, um destaque na análise. Ao analisar uma capa ou uma ilustração, por exemplo, estamos diretamente ligados a técnica usada para “chamar” a atenção do leitor, e até mesmo contribuem na interpretação da obra.

Esses são alguns pontos importantes no momento de escolha de livros de literatura antirracista para crianças não só em processo de alfabetização, mas todos nós, leitores competentes. Sabemos que as turmas de alfabetização vivem uma realidade na qual o estudante está em processo de aquisição do sistema de escrita alfabética e conseqüentemente, da leitura e interpretação de texto de diferentes tipos e gêneros. Mas é preciso compreender que antes da leitura convencional o estudante já é capaz de atribuir sentido aos textos que lê.

Mesmo sem saber ler, eles recontam contos, por exemplo, com uma linguagem literária como se estivessem de fato lendo. A literatura antirracista, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma atividade a que está voltada toda a cultura. (ZILBERMAN, 2003).

Ao analisar os critérios de seleção de livros literários em geral, trazemos para a literatura antirracista a urgência de livros que tragam essa representatividade, sem estereótipos (marcando o racismo racial de maneira velada), mas respeitando toda a sua história, que torna-se nossa a partir do momento em que percebo o outro e todas as suas particularidades físicas e emocionais. Gomes (2010, p. 250) corrobora

As ações afirmativas trazem para o cerne do debate político e educacional a indagação sobre a forma como historicamente a direito à vivência da diversidade, com dignidade, e a efetivação da igualdade social e racial articulada à equidade e à justiça social vêm sendo construídos. Elas trazem à tona os saberes identitários, políticos e corpóreos construídos pela comunidade negra e sistematizados pelo movimento negro brasileiro. Possuem, portanto, o potencial contestatório capaz de desencadear um processo de reeducação da sociedade, do Estado, da escola básica e da universidade em relação à diversidade étnico-racial.

É por meio da literatura antirracista que poderemos redesenhar o cenário atual de constantes ações racistas, preconceituosas e discriminatórias do sujeito. Como conviver com essas e outras ações que não consideram a pessoa, que menosprezam o sujeito? Todos os dias assistimos nos jornais, situações em que

“alguém” agiu de forma racista, agrediu, ofendeu. Sabemos que o racismo se manifesta de várias maneiras, mas o nosso recorte é no racismo racial. E não podemos ficar calados diante desses fatos, é preciso trazer ao debate questões como essa e a escola, um espaço coletivo é um local ideal para esse debate.

Veremos na próxima seção, a lei nº 10.639 de 2003 que decreta o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar.

3.4 A obrigatoriedade do ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”: a lei nº 10.639 de 2003 acrescida do artigo 26-A

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Antonio Cicero

Com a alteração da lei 10.639 acrescida do artigo 26- A, as escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio passam a desenvolver em seus planejamentos o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas salas de aula. Nas turmas de alfabetização, a literatura antirracista direciona aos leitores infantis questões importantes e presentes nessa temática. Esses livros apresentam temas, personagens e narrativas que trazem questões importantes para nós brasileiros, uma valorização da presença africana, que por muito tempo, ficaram silenciadas, esquecidas da nossa consciência. Anuladas de nossas vidas, um preconceito racial, que presenciamos em nosso cotidiano, a intolerância à diferença, a diversidade, a negação ao outro e as nossas origens multiétnicas. Cavalheiro (2001, p. 150) narra que

No cotidiano escolar, a educação anti-racista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamento diferenciados. Nela, estereótipos e ideias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente, etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. É um caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é ferramenta mestra.

A formação literária antirracista é um caminho para que nossos estudantes em processo de alfabetização, valorizarem as nossas “raízes”, a nossa “história”. Como mencionado, o trabalho antirracista “fica assegurado” pela lei nº 10.639 de 2003, que sancionada pelo presidente da república altera a lei nº 9.394 de 1996

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. (BRASIL, 2003).

Esse ano, a lei nº 10.639 completa vinte anos de existência, uma luta que vem de muito tempo, do Movimento Negro Unificado (MNU) grande combatente das práticas racistas existentes em nosso país. Mesmo com essas garantias legais, percebemos muitos espaços escolares que não investem em debates ao longo do ano, apenas na época da Consciência Negra, em novembro. Gomes (2010, p. 238) revela:

Um ponto que merece ser destacado é que, em todo esse processo, os negros organizados em movimento sempre enfatizaram um cuidado profundo com a construção da democracia para todos os segmentos étnico-raciais. No entanto, a comunidade negra organizada não busca uma democracia abstrata, uma cidadania para poucos, mas, sim, uma igualdade e uma cidadania reais, que considerem o direito à diferença.

A lei garante um acréscimo importante no currículo escolar, algo que já deveria ser feito nas escolas, mas foi preciso uma lei, advinda de uma luta do Movimento Negro, para que se materialize para que se materialize e com isso, a possibilidade de conhecer mais sobre a nossas origens. Deus (2020, p. 65) afirma que “o que está no papel nem sempre está na rotina escolar, vale ressaltar que a aplicação da lei se apresenta como um grande desafio para os docentes, pois muitos desconhecem qualquer conteúdo que trate da África e da cultura afro-brasileira”.

O acréscimo dos artigos 26-A, 79-A e 79-B, trazem pontos imprescindíveis ao trabalho pedagógico. Abordaremos Abordamos em nossa pesquisa, apenas os artigos 26-A e 79-B que tratam da temática de nosso interesse

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Infelizmente, em muitas regiões do nosso país, a lei acaba sendo negligenciada e com esse fato, nossos estudantes perdem a oportunidade de refletir, resignificar e reestruturar suas próprias concepções muitas vezes enraizadas de uma tradição.

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Silvio (2019, p. 7) acredita que “dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista”.

Com as ações que percebemos em nosso cotidiano, parece claro a afirmativa acima. Vivemos em um mundo racista, que presencia ações racistas, preconceituosas e discriminatórias, as tratam como “naturais” e muitas vezes “comuns”. Justificadas por “foi uma brincadeira”, “não precisa apelar” e até mesmo o silenciamento. O tratar de maneira natural é o que precisamos combater: não é “normal” alguém merecer outro tratamento devido a cor de sua pele, muito menos pela opção sexual ou qualquer que seja a questão. É preciso sim, um combate à essas ações que afastam, excluem e eliminam outros sujeitos do convívio, dos direitos e da vida cotidiana. Por isso a necessidade de um conhecimento da lei, mas acima de tudo de uma sequência de ações no âmbito escolar.

Ao elaborar o planejamento, levando em consideração a obrigatoriedade de se colocar em prática a lei nº 10.639, a literatura antirracista articulada a ações práticas, possibilitam uma maior compreensão do estudante em processo de alfabetização. Mesmo em uma rotina escolar, cheia de tarefas e conteúdo, é possível trazer essas questões tão importantes ao foco. Com isso, aproximar cada vez mais, o ensino de uma vivência real dos fatos. Lerner (2002, p. 21) resume que

O possível é fazer o esforço de conciliar as necessidades inerentes à instituição escolar com o propósito educativo de formar leitores e escritores, o possível é gerar condições didáticas que permitam pôr em cena – apesar das dificuldades e contando com elas – uma versão escolar da leitura e da escrita mais próxima da versão social (não-escolar) dessas práticas.

Para além de memorizar uma lei, ela precisa ser vivenciada em todas as suas estâncias pelas crianças em processo escolar. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas no ambiente educacional, o professor necessita ponderar sobre a magnitude que essa temática apresenta no próprio cotidiano de seus estudantes e buscar repertoriar essa geração, evitando que cometam os mesmos erros que muitas vezes presenciam.

Literatura antirracista é uma literatura infantil preocupada com a representatividade negra, não apenas na autoria ou ilustração, mas nos personagens que tem a oportunidade de viverem diversos papéis sociais. Uma literatura que se ocupa em trazer aspectos do nosso cotidiano, por exemplo de uma

maneira respeitosa e diversa. Que não se prenda em mostrar apenas estereótipos negros que reforçam a branquitude, como por exemplo personagens negros com dificuldade em pentear os seus cabelos. Para além dessa literatura, uma literatura que mostre as conquistas da população negra, seus maiores representantes, por exemplo.

Essa aproximação com uma literatura antirracista, possibilita um desenvolvimento positivo, influência na promoção de empatia, do respeito à diversidade, a desconstrução de estereótipos raciais, enfim, a formação da uma cidadania crítica, justa e igualitária. As ações afirmativas trazem em si uma nova pedagogia: a pedagogia da diversidade, a qual produz saberes. Gomes (2010, p. 239) anuncia que “estes deveriam ser matéria de reflexão teórica, uma vez que possibilitam a construção de um diálogo epistemológico”.

Para exemplificar, trouxemos a iniciativa da Escola Vera Cruz ⁴em São Paulo, que construíram um Projeto para as Relações Étnico-Raciais em sua comunidade escolar. Existe um aprofundamento das questões raciais, incluindo a ampliação da diversidade no corpo docente, um olhar cuidadoso para o currículo e a formação continuada dos seus professores. As ações incluem a oferta de bolsas de estudo para alunos pretos, pardos e indígenas, mais uma ação em direção de uma sociedade mais justa.

O projeto tem como objetivos gerais⁵: Construir, consolidar e propagar a cultura e a educação antirracista na comunidade Vera Cruz; e formar profissionais comprometidos com a causa da educação antirracista em seus espaços de atuação, contribuindo para o enfrentamento do racismo estrutural no país. E objetivos específicos: Letramento e sensibilização sobre a questão racial para a comunidade escolar, incluindo famílias, alunos e profissionais da Escola e do Instituto Vera Cruz; Construção de um currículo multicultural por meio da valorização da história e cultura afro-brasileiras e indígenas; Aprimoramento de práticas pedagógicas que desconstruam a normatização do branco como “homem universal”, propiciando a conscientização sobre questões raciais como a

⁴ Para saber mais: <https://site.veracruz.edu.br/o-vera-cruz/diversidade/> acessado em 15/07/23 às 10h

⁵ Conheça o arquivo do projeto em PDF:

https://site.veracruz.edu.br/documentos/link/eb/eb_projeto_ed_antirracista_2022.pdf acessado em 15/07/23 às 10h

branquitude, as diferentes matrizes de conhecimento, as diferentes identidades raciais e a construção de representações positivas de si por parte de todos os alunos; Implementação de políticas afirmativas de contratação de funcionários, visando o aumento da representatividade de profissionais pretos, pardos e indígenas nas equipes administrativas e entre professores e gestores; Aumento da representatividade negra e indígena no corpo docente, entre outras ações, com o Programa de Bolsas; Articulação com grupos afins ao tema da educação e cultura antirracistas na sociedade e participação em eventos e iniciativas que pautem o debate público no País.

Conhecer os objetivos do projeto, ilustram as possibilidades na elaboração de um projeto, adequado a realidade de cada comunidade escolar. Para além de reclamar e criticar, ações como essa podem ser planejadas em nossa comunidade escolar. Cavalheiro (2001, p. 151) esclarece que

Para nós, professores e professoras, ampliarmos nossa visão sobre a desigualdade racial na educação, faz-se necessário questionarmos o dia a dia nas escolas e, principalmente, o nosso fazer profissional. Assim, mais do que nos prendermos às nossas ideias e suposições, que muitas vezes impedem a compreensão do problema, precisamos atentar para nossas atitudes e nossos comportamentos, bem como de toda equipe escolar. Mas, acima de tudo, precisamos ouvir com a tenção as vozes de pais, alunos e alunas que vivem a experiência direta com o problema racial.

Mesmo a iniciativa do projeto acontecendo em uma escola particular, o mais importante é a começar, escutar a comunidade escolar. Ela precisa ocorrer em todas as escolas (públicas e particulares) até mesmo porque a lei garante o acesso nas duas comunidades. E referindo-se à educação, todo estudante tem o direito de uma formação de qualidade, para um desenvolvimento crítico e justo.

O próximo capítulo, apresentamos os caminhos metodológicos que escolhemos para analisar o nosso problema e conseqüentemente, os objetivos propostos, revelando todas as decisões tomadas e os processos vividos.

CAPÍTULO 3

O início da expedição: o percurso metodológico

“Quando você segue as pegadas dos mais velhos, aprende a caminhar como eles⁶”

No capítulo precedente, apresentamos o nosso referencial teórico que segue conosco em toda a pesquisa, para um aprofundamento teórico em nossas decisões. Por isso, optamos pela abordagem metodológica qualitativa na pesquisa, ocorreu justamente pela consideração à subjetividade dos sujeitos envolvidos, procurando compreender melhor como o professor alfabetizador, participante da pesquisa seleciona livros literários dentro da temática antirracista. Desse modo, afirma Creswell (2007, p. 188) que “a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador geralmente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes”.

O estudo iniciou-se com o propósito exploratório com o interesse em compreender melhor quais critérios o professor alfabetizador utiliza na escolha de livros literários antirracista. Segundo Sordi (2017, p. 62) “a pesquisa exploratória, a qual se adequa bem para quando a demanda é por entender mais sobre um assunto ainda pouco conhecido. Isso pode ocorrer por um tópico tipicamente novo ou algo já existente, porém observado de outro ângulo”.

As decisões metodológicas consideraram os indivíduos envolvidos na pesquisa, além de procurar entender mais sobre a literatura antirracista e todas as suas particularidades, para diante desse conhecimento, compreender melhor as decisões tomadas pelos educadores na escolha em suas turmas de alfabetização. Sendo assim, foi fundamental ir às escolas, conhecer um pouco da comunidade escolar, conhecer mais sobre os projetos realizados dentro da temática, olhar o acervo das bibliotecas ou sala de leitura e observar a leitura realizada pelos estudantes.

Nesse sentido foi fundamental realizar uma revisão bibliográfica em artigos, livros (capítulos), dissertações e teses sobre o papel da Literatura Infantil em turmas de alfabetização para uma formação crítica do estudante. A revisão de literatura se

⁶ Provérbios africanos

faz necessária, uma vez que saber sobre o que já foi pesquisado é relevante, assim como saber quais as lacunas existentes nesse campo. Declara Creswell (2007, p. 45) que “ela compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão proximamente relacionados ao estudo que está sendo relatado”.

O nosso caminho iniciou quando em sala de aula, como já mencionei anteriormente, percebi a ausência de uma literatura antirracista em meu próprio acervo. Olhando a biblioteca da minha escola, a constatação foi a mesma. Iniciando a pesquisa, realizei a leitura dos materiais do Estado da Arte e outros textos que me auxiliaram na construção teórica.

Após esses momentos mais isolada, para gerar os dados foi preciso decidir as escolas (mais adiante no texto explicarei melhor essa decisão), então fui a Regional de Ensino das Escolas Públicas do Guará, com todos os documentos necessários para solicitar a autorização para “entrar” nas escolas. Com essa autorização, procurei a coordenação pedagógica de cada uma delas, me apresentei e conseqüentemente, a pesquisa e todas as etapas de geração de dados. Solicitei a mesma, que enviasse o link do questionário que fiz aos professores regentes das turmas do Bloco Inicial de alfabetização (BIA), de cada uma das escolas. Além disso, tinha como ideia inicial, entrar em sala e conhecer melhor esses professores e seus acervos literários. Porém, mesmo com a autorização em mãos, não cheguei nem a adentrar nenhuma porta, pois os professores não permitiram devido a suas demandas e por terem estagiários de Pedagogia em suas turmas.

Sendo assim, o questionário foi o meu único contato com o corpo docente de cada uma das escolas. De um total de 48 professores atuantes, recebi o retorno de 10 professores, de todas as escolas. Essa ausência na contribuição, revela alguns pontos que por si só já seriam tema para outra pesquisa. Mas votaremos à nossa pesquisa e os dados que obtivemos.

A organização das estratégias para geração dos dados, levou em consideração a importância da colaboração entre a pesquisadora e os sujeitos do estudo. Por isso, partimos para outros pontos que nos revelariam algumas informações relevantes para o nosso estudo. Sendo assim, optou-se pelo questionário aos professores regentes, entrevista livre com os responsáveis pela biblioteca ou sala de leitura, análise do acervo literário da biblioteca ou sala de leitura e análise do Projeto Político Pedagógico de cada escola. A seguir, cada um dos instrumentos será apresentado com mais detalhes, dentro do cenário da pesquisa.

- **Questionário**

As questões presentes no questionário liberam o professor a responder de maneira livre e com isso, expressar sua opinião, em formato de texto. Já que não consegui esse contato com cada um deles. Sordi (2017, p. 76) acredita que “o questionário é uma forma estruturada e eficiente de se coletar dados, porém um dos desafios é o tempo demandado tanto dos pesquisadores que o elaboram quanto (e principalmente) dos respondentes”.

Foi elaborado na ferramenta do Google Forms para facilitar o acesso, uma vez que o uso do celular é muito recorrente. Mas também, no formato impresso, para aquele professor que se sinta inseguro com a ferramenta. Segue o link: <https://forms.gle/wp976sxiJ6xKXRWU8>, o Forms facilita a organização das respostas apresentadas. No questionário, não foi solicitado a identificação de cada participante, preservando seu anonimato e o respeito as respostas de cada um. Na pesquisa, os nomes das escolas e das professoras é fictício, preservando a identidade de cada um.

Esse questionário teve como objetivo conhecer melhor os sujeitos da pesquisa e compreende duas etapas: a primeira com o intuito de realizar um levantamento do perfil profissional e acadêmico e a segunda, com questões vinculadas ao objeto da pesquisa. Cada coordenação da escola recebeu o link do questionário para liberar aos seus respectivos professores do BIA (Bloco Inicial da Alfabetização). Logo após, descrevemos as questões presentes no questionário destinado aos professores das escolas.

Quadro 2: Quadro com questões presentes no questionário aos professores

Questionário elaborado aos professores
Registre o nome da sua escola, no espaço abaixo: Formação Universitária Curso: Ano de conclusão: Pós- Graduação) Curso: Ano de conclusão: Anos de atuação no Magistério: Anos de atuação com classe de alfabetização (1º, 2º, 3º anos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais). Atuação em outra área profissional.
Questões vinculadas ao objeto de pesquisa:

- No seu entendimento, como explicaria o processo de alfabetização? E o letramento?
- O âmbito escolar transforma-se em ambiente propício à leitura literária, porém existem críticas ao trabalho literário dentro de um processo didático de ensino e aprendizagem. O que pensa sobre esse trabalho intencional com a literatura?
- E você acredita que o trabalho com a literatura pode acontecer em sua rotina de sala de aula? Se existe uma prática nessa direção, como organiza esse trabalho pedagógico.
- Atualmente, quais as dificuldades você encontra nesse trabalho literário no ciclo de alfabetização?
- Nas formações continuadas fornecidas pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, existe um trabalho articulado com a perspectiva antirracista?
- A sua escola tem algum projeto sobre literatura antirracista?
- O Currículo da Rede prevê esse trabalho com a perspectiva antirracista?
- E o livro literário que vocês já analisaram ou tomaram como referência em suas práticas, existe essa preocupação com essas reflexões antirracista?

Fonte: Desenvolvida pela autora (2022)

O questionário foi elaborado em dois blocos: a primeira parte com o intuito de conhecer mais a formação acadêmica desse (a) professor (a) e a segunda, com questões vinculadas ao nosso objeto da pesquisa.

Entrevista

As entrevistas foram realizadas com os profissionais que trabalham nas bibliotecas ou sala de leitura. A ideia inicial foi interpretar o cenário onde o livro literário é oferecido aos estudantes. Esse instrumento apresentará informações adicionais, uma vez que o responsável por esse espaço, em sua maioria é um professor “realocado”. E foram os únicos que permitiram até a gravação do áudio de suas respostas.

As entrevistas gravadas aconteceram em formato de uma conversa livre, com a autorização do participante através do preenchimento do termo de consentimento, em anexo. A participação foi voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. O professor também pode recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. Além disso, tiramos fotografias do acervo e da disposição dos livros nas estantes, que contribuirão no momento das análises. A identidade de cada professora entrevistada foi preservada e o nome utilizado é fictício, bem como no questionário.

- **Análise de documento – Projeto Político Pedagógico**

Estando nas escolas, conhecendo a comunidade escolar é preciso conhecer também o documento que rege e organiza as ações pedagógicas dos professores: o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP). Mais um material que poderia revelar as concepções da escola e conseqüentemente, dos professores. Para Sordi (2017, p. 85) “a decisão pela captura de documentos em campo deve considerar aspectos como autenticidade do documento, credibilidade da fonte, representatividade do documento e o significado do seu conteúdo”. A identidade de cada escola também foi preservada utilizando nomes fictícios.

Recorrer ao acervo da biblioteca ou sala de leitura também se fez necessário, uma vez que ali poderíamos encontrar pontos importantes para nossa análise. Nesse momento, as anotações por parte da pesquisadora auxiliaram nos momentos de análises, uma vez que por meio da leitura, a pesquisadora compreenderá o que está proposto e a complexidade em viabilizar o que está escrito para a realidade de cada turma.

A análise dos dados gerados ocorreu por meio da revisão bibliográfica e retomada dos instrumentos para geração dos dados, identificando padrões, tendências e conexões entre as práticas pedagógicas, os critérios de seleção de livros, o conhecimento sobre bases legais relacionadas à literatura antirracista, a partir da técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (2004, 2010, 2011), que consiste em: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Além disso, após essas análises dos resultados gerados, buscamos interpretar e relacionar os dados coletados com a revisão da literatura existente, fazendo um paralelo significativo com os estudos já realizados e as descobertas encontradas. Creswell (2007, p. 195) afirma

O processo de análise de dados consiste de extrair sentido dos dados de texto e imagem. Envolve preparar os dados para análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se cada vez mais no entendimento dos dados, fazer representação dos dados e fazer uma interpretação do significado mais amplo dos dados.

A seguir, apresentamos o quadro 3, exemplificando os instrumentos utilizados na análise dos dados gerados com a pesquisa.

Quadro 3: Quadro com instrumentos para geração de dados

Instrumentos para geração de dados	
Entrevista	Três entrevistas com o áudio gravadas
Questionário	Um questionário padrão com dez respostas
Projeto Político Pedagógico	Quatro Projetos Políticos Pedagógicos
Fotografias	Cinquenta e duas fotografias

Fonte: Desenvolvida pela autora (2024)

Na próxima sessão, apresentaremos os sujeitos presentes na pesquisa bem como as instituições escolares selecionadas.

2.1 Quem são os sujeitos da pesquisa: caracterização

As escolas da Região Administrativa do Guará, recebem um fluxo grande de ônibus escolares nas proximidades dessas escolas. Tanto no horário de entrada como de saída, esses ônibus seguem, em sua maioria para a Cidade Estrutural, uma comunidade da região administrativa do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA), no Distrito Federal.

Escolas com uma boa estrutura, mas não são selecionadas pelos moradores da região, que muitas vezes colocam seus filhos em escolas particulares localizadas em regiões mais afastadas. Percebendo esse fato, conhecer e compreender mais essas escolas e seus estudantes, nos pareceu importante, uma vez que desejamos compreender os critérios de seleção de obras literárias com a temática antirracista. A seguir, caracterizamos a série em qual a pesquisa aconteceu, as escolas e seus professores.

2.1.1 Caracterização do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA)

A definição pelo segmento do Bloco Inicial da Alfabetização (BIA) ocorreu devido ao interesse da pesquisadora por essa etapa escolar, uma vez que ela também trabalha com esse segmento. Mas o desejo em pesquisar essas turmas do BIA em escolas públicas foi fortalecido após o ingresso no mestrado e o contato com outros professores (as) que atuam em escolas públicas.

O Bloco Inicial de Alfabetização compreende o 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, estabelecido após a implementação do Ensino Fundamental de 9 anos. Foram elaborados princípios metodológicos que orientavam a Proposta Pedagógica do bloco Inicial de Alfabetização – BIA de 2006, aprovado pelo Conselho de Educação do Distrito Federal por meio do Parecer nº 212/2006 e instituída pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEDF por meio da Portaria nº 4, do dia 12 de janeiro de 2007⁷. Essa construção da proposta do BIA obteve a participação dos professores da rede pública de ensino, com várias ações de envolvimento.

Dentro do BIA, adotou-se então a progressão continuada, ponderando a não reprovação dos estudantes dos anos iniciais da alfabetização que cursam o 1º, 2º e 3º anos. Um ciclo, que oportuniza aos estudantes concluírem o processo de alfabetização com mais respeito ao ritmo da aprendizagem de cada um. Sendo assim, o estudante em processo de alfabetização tem mais tempo para concluir algumas etapas necessárias em sua aprendizagem.

2.1.2 Caracterização das escolas

O critério para a escolha das escolas se deu pela oportunidade de contribuir com a comunidade localizada na Região Administrativa do Guará (RA X), com uma área de 2.522,34 hectares e cerca de 142 mil habitantes, segundo dados da CODEPLAN⁸. Além disso, a RA X tem em sua maioria uma população declarada

⁷ Para saber mais sobre o Bloco Inicial da Alfabetização (BIA): <https://www.educacao.df.gov.br/pedagogico-diretrizes/> acessado em 20/01/24 às 9h

⁸ Fonte Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Guara.pdf> acessado em 20/01/24 às 9h

branca, o que realça ainda mais a necessidade de um trabalho nas escolas antirracista, como observado na figura a seguir:

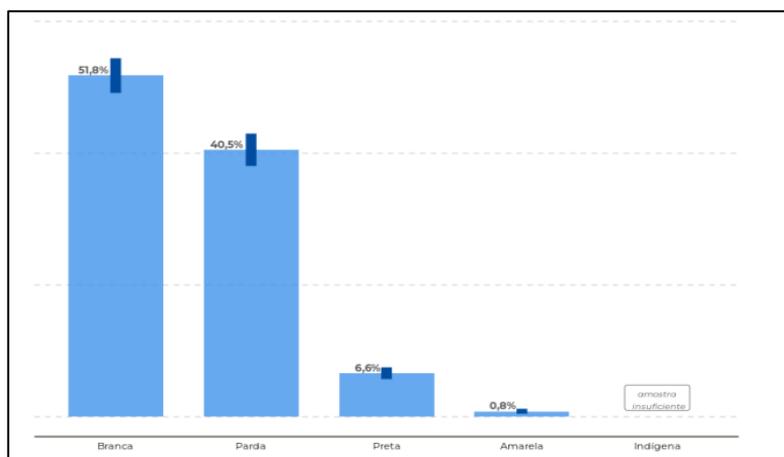


Figura 1: Distribuição da população por raça/cor da pele, Guará, 2021

Ademais, observamos um vasto número da população que se declarou sabendo ler e escrever. Um dado importante em nossa pesquisa, uma vez que o nosso sujeito (o/a professor/a) lida diretamente com esse nível escolar, crianças em processo de alfabetização. Observe a seguinte figura:

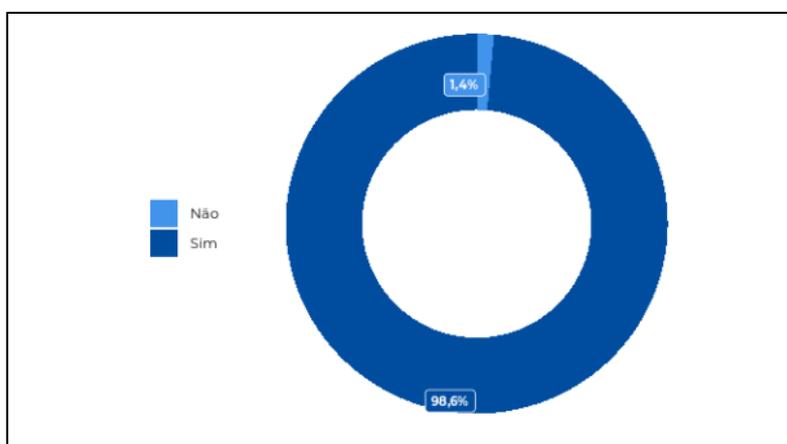


Figura 2: População com seis anos ou mais de idade que declaram saber ler e escrever, Guará, 2021

Diante dessa escolha, optamos por quatro escolas públicas situadas na RA X, não muito próximas uma da outra, para entender mais sobre as características da população que mora nos arredores. Dentre as onze escolas localizadas na RA, cinco foram escolhidas: Escola Classe Amizade, Escola Classe Beleza, Escola Classe Carinho e Escola Classe Diversão. Seguidamente, cada escola será

retratada para uma maior aproximação e compreensão da estrutura e consequente, da comunidade escolar ali disposta.

- *A Escola Classe Amizade* do Guará está localizada Guará I tem a capacidade para o atendimento de 16 turmas, sendo 8 no turno matutino (190 estudantes) e 8 no turno vespertino (174 estudantes), um total de 364 estudantes matriculados. No BIA, temos um total de 153 estudantes de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola.
- *A Escola Classe Beleza* do Guará está localizada Guará I e recebe 331 estudantes, distribuídos em 16 turmas, sendo 8 (oito) turmas no matutino e 8 (oito) turmas no vespertino. No documento não tem um registro de quantas turmas estão no BIA.
- *A Escola Classe Carinho* está localizada Guará II e recebe 400 estudantes, divididos em 27 (vinte e sete) turmas nos turnos matutino e vespertino. Dessa quantidade, seis turmas estão no BIA apenas no turno vespertino, no matutino não tem turmas do BIA (1º, 2º e 3º anos).
- *A Escola Classe Diversão* está localizada Guará I e atende 440 estudantes, sendo 10 (dez) turmas no matutino e 10 (dez) no vespertino. No BIA são 12 (doze) turmas, seis no matutino e seis no vespertino.

É importante deixar registrado, que todas as escolas receberam a presente pesquisa com agrado, porém a Escola Classe Amizade, a equipa pedagógica foi acolhedora, mas os professores não quiseram nem receber o link do questionário e nem participar do estudo. Nessa escola, o contato ficou apenas com a coordenação, direção e a visita à biblioteca. Aqui também temos um ponto de atenção, pois nos leva a ter ainda mais vontade de compreender o porquê esses professores se recusaram a participar da nossa pesquisa. Já teríamos outro estudo também necessário.

A seguir, vamos conhecer mais sobre os professores participantes da presente pesquisa.

2.1.3 Caracterização dos professores

As informações apresentadas nesta sessão foram retiradas da primeira parte do questionário, com perguntas relacionadas a vida acadêmica e a vida profissional

de cada um. Compreender um pouco da história desse professor contribuirá na análise das suas respostas e conseqüentemente, nas ações que o mesmo estabelece na sua rotina pedagógica.

Apesar do questionário ser anônimo, não foram todos os 48 professores que responderam, tivemos dez respostas no total, sendo sete respostas da Escola Classe Carinho, duas da Escola Classe Beleza e uma da Escola Classe Diversão. O questionário foi enviado a coordenação das escolas, e estas enviaram aos seus professores do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA).

É preciso deixar registrado que usaremos nomes fictícios para os professores que responderam ao questionário ou que participaram da conversa (sala de leitura/biblioteca) das escolas, lembrando que cada professor (a) respondeu à doze questões. O gráfico abaixo registra as respostas dos (as) professores (as) de cada escola. Usaremos uma legenda para representá-las:

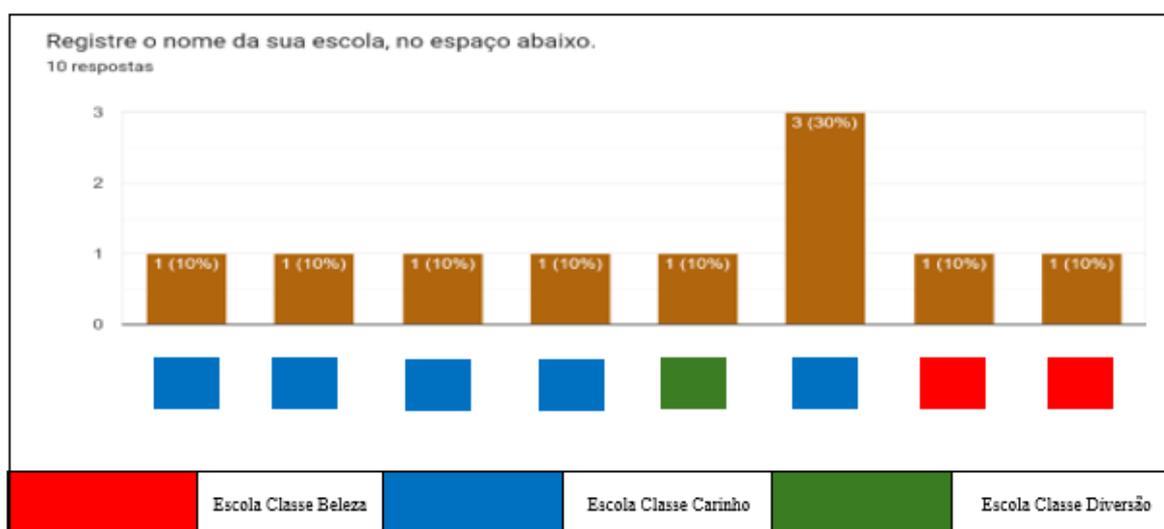


Figura 3: Gráfico com a resposta dos/das professores (as) ao questionário

A formação inicial dos professores foi no curso de Pedagogia (sete professores), um professor no curso de Geografia, um professor graduado em Estudos Sociais e um professor que não respondeu essa questão. Mesmo formados em outro curso, os professores que não tinham a formação inicial em Pedagogia, fizeram posteriormente o curso para atuar nos Anos Iniciais.

Sobre a formação continuada, percebemos um interesse dos participantes, relatando que fazem os cursos oferecidos pela SEEDF, pelo Ministério da

Educação (MEC) e outras instituições com cursos de pós-graduação. Os cursos de Neuropsicopedagogia, Psicopedagogia, Orientação Educacional apareceram em maior quantidade, pelas respostas recebidas. Apenas um professor fez curso relacionado a alfabetização, porém direcionada ao atendimento as necessidades especiais, no caso autismo. Um dado importante sobre a formação continuada é que a maioria dos professores fez os cursos a um certo tempo, o mais atual foi em 2021. Essa informação pode revelar concepções enraizadas que se revelam na sua prática pedagógica, nas seleções de livros e nos critérios adotados por eles.

O tempo de contribuição como professor regente dos participantes também revela bastante, porque muitos acabaram de entrar, por meio de concurso na SEEDF. Temos quatro professores com mais de seis anos atuando, o que revela um corpo docente novo no cargo de magistério. Poucas experiências e desafios em suas trajetórias, o que revela as suas opções de cursos de extensão, uma vez que suas dificuldades ou até mesmo angústias mostram o que buscam compreender no momento.

Outro ponto importante diz respeito às outras funções que esses profissionais realizaram antes de tornarem-se professores. Dois professores nunca atuaram em outras áreas, apenas no magistério. Outros responderam que já trabalharam como agente administrativo, coordenação pedagógica, engenharia civil, corretor de imóvel, direito, Marketing e vendas. Essas outras vivências mostram que ao longo da vida, muitos retomam decisões importantes e optam pelo magistério, mesmo que de forma tardia.

O quadro abaixo atesta as informações citadas anteriormente e registradas no questionário:

Quadro 4: Quadro com formações acadêmicas dos professores

Quadro formação acadêmica			
	Escola Beleza	Escola Carinho	Escola Diversão
Formação Universitária	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia
Pós-graduação	<ul style="list-style-type: none"> • Neuropsicopedagogia e Desenvolvimento Humano • Atendimento Educacional Especializado 	<ul style="list-style-type: none"> • Gestor de EAD • Neuropsicopedagogia • Alfabetização de autista • Psicopedagogia • Gestão Pública 	<ul style="list-style-type: none"> • Psicopedagogia

	<ul style="list-style-type: none"> • Psicopedagogia 	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão na Educação Brasileira • Psicopedagogia 	
Anos de atuação com classes do BIA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Doze anos ▪ Um ano ▪ Quatro anos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dois anos ▪ Sete anos ▪ Dois anos ▪ Um ano ▪ Oito anos ▪ Nove anos ▪ Três anos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Doze anos

Fonte: Desenvolvida pela autora (2024)

Na próxima sessão, caracterizamos as bibliotecas das escolas participantes, pois o trabalho realizado por elas está diretamente ligado ao trabalho literário em sala de aula.

2.1.4 Caracterização da sala de leitura/biblioteca de cada escola

A biblioteca é o “coração” de uma escola, pois é lá que os “tesouros” estão guardados. Em alguns casos, os tesouros estão tão bem guardados que os maiores beneficiados não sabem onde estão. Esse é um engano, os livros precisam estar ao alcance das mãos dos pequenos leitores para que a mudança ocorra. Trataremos mais sobre essa afirmativa, no capítulo de análise, bem como o tratamento dos dados gerados e o PPP de cada escola.

Foi preciso buscar outros locais, onde esse estudante transite que possam nos dar elementos para a nossa pesquisa e conhecer a sala de leitura/ biblioteca de cada escola tornou-se proposital, uma vez que esse espaço diz muito sobre como as pessoas que organizam pensam a importância do acesso aos livros pelas crianças.

Iniciamos pela Escola Classe Amor, que permitiu o acesso ao espaço para registro fotográfico, porém não tem uma pessoa em específico que cuide do ambiente. Ela aposentou e até o momento, a sala de leitura não tinha uma (um) nova (o) responsável. Lembrando que, em relação à essa escola, a nossa análise aconteceu com as fotos e o Projeto Político Pedagógico (PPP), pois os professores não responderam ao questionário.

A seleção das fotos ocorreu de uma maneira intencional, buscando revelar como cada escola organiza o seu acervo, se existe uma diversidade de livros de que contemplem a literatura antirracista. Sendo assim, selecionamos algumas fotos de 1 a 3, que demonstram essa organização do acervo no espaço destinado a sala de leitura:



Foto 1 – Materiais guardados na sala de leitura



Foto 2 – Materiais guardados na sala de leitura

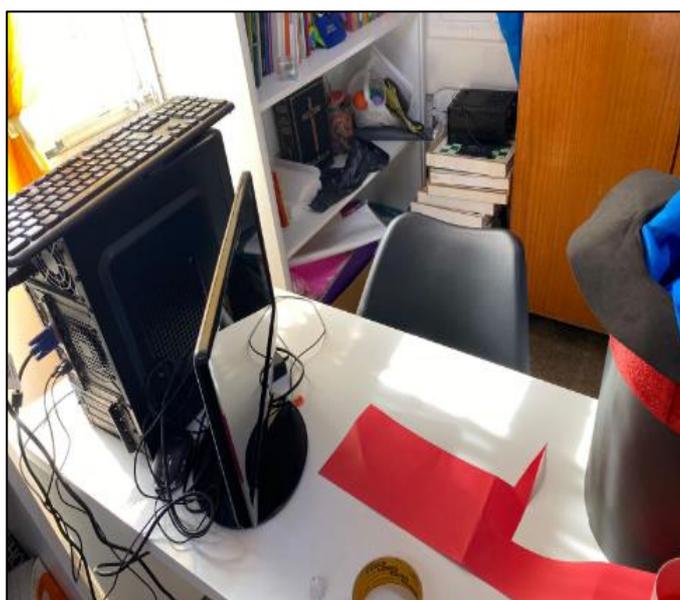


Foto 3 – Computador dentro da sala de leitura

O espaço comporta muito livros, computador, caixas espalhadas e livros didáticos recebidos para serem entregues aos estudantes ao longo do ano. É possível perceber que muitos livros estão em bom estado, temáticas variadas e o acesso fácil ao leitor. Porém as caixas e demais objetos revelam que é um espaço multiuso e pela falta do profissional, não recebe tantas visitas como antes.

Na visita, podemos notar um acervo variado e com bons títulos. Não conseguimos olhar se existia algum título de autor (a) negro (a) ou com protagonista negro (a) porque algumas mesas estavam na frente das estantes. Na conversa informal com a coordenadora pedagógica, esta relata que o espaço é utilizado como um local “multiuso” e que os (as) professores (as) o utilizam com frequência.

A sala de leitura/biblioteca Escola Classe Beleza tem um bom espaço, organizado com estantes e mesas para uso, inclusive enquanto estava tirando fotos do acervo, alguns estudantes queriam pegar livro emprestado. Os livros estão em montes ou em estantes separados por temática, com acesso livre as crianças, de acordo com a responsável em sua entrevista.

As fotos de 4 a 7 demonstram a organização dos livros nas estantes e os com temática antirracista:



Foto 4 – Livros e DVDs na estante



Foto 5 - Livros na estante



Foto 6 – Livros da temática antirracista



Foto 7 – Livros “leituras diversas”

Alguns mais longe do leitor e outros bem mais perto, existe uma prateleira com porta onde guardam vários DVDs antigos usados em outro tempo. Na estante, na sessão “Leituras variadas” ou “Diversidade” encontramos bons títulos sobre a temática antirracista. Tanto de autores negros, como de narrativas que trazem esse protagonismo. Existe uma professora formada em Pedagogia, que afastada de sala de aula, está cuidando desse espaço, sendo a responsável pelos empréstimos tanto aos professores quanto aos estudantes. As ações pedagógicas com a iniciativa da sala de leitura também são atribuições dela, que planeja tudo com o auxílio do (a) professor (a) regente.

A sala de leitura da escola Classe Carinho também é organizada com os livros ao alcance das crianças, que são dispostos nas estantes ou em caixas, separadas por série, facilitando ao professor regente o transporte para a sala. Percebe-se o cuidado com o espaço em cada canto decorado para encantar quem ali entrar, a responsável também trabalha em conjunto com os (as) professores (as) regentes, auxiliando em pesquisas, momentos de estudo ou apenas uma leitura deleite, como podemos observar nas fotos 8 e 9 que apresentam a organização da sala de leitura e dos livros, na caixa por série:



Foto 8 – Organização do espaço separados por série



Foto 9 – Caixas com livros

Um local onde o estudante pode fazer uma leitura autônoma, quando termina uma atividade em sala ou se precisar pesquisar algum assunto para um trabalho. Com mesas dispostas em grupo, espaço para circulação e até um “cantinho” para

leitura, onde o estudante pode tirar o sapato e se sentar no tapete para uma leitura mais aconchegante e prazerosa.

E por fim, na Escola Classe Diversão encontramos um espaço cheio de materiais de temas diversos e até um esqueleto humano para estudo. Uma professora, também afastada da sala de aula cuida desse espaço junto à um menor aprendiz. Confiram as fotos 10 a 13:



Foto 10 – Livros organizados na estante



Foto 11 - Livros organizados na estante



Foto 12 - Livros na estante



Foto 13 – Organização dos livros

A escola utiliza de várias maneiras a biblioteca, oportunizando aos estudantes momentos de pesquisa, estudos ou apenas uma leitura deleite. O espaço é pequeno, mas existem muitas possibilidades e recursos, porque existem muitos livros, eles acabam empilhados em estantes ou em outros espaços.

A biblioteca tem títulos variados, com autores consagrados ou iniciantes dispostos em bandejas ou estantes, com mais de um exemplar de cada título. Em meio aos livros, encontramos algumas fotos que retratam a história da biblioteca, suas ações e estudantes que por lá já passaram. Existe uma organização dos livros por cores e um banner que demonstra o significado de cada cor, como percebemos nas fotos 14 e 15:



Foto 14 – Cartaz com legendas dos livros diversos



Foto 15 – Armário com materiais

As fotos da organização desses espaços materializam como de fato acontece o trabalho com a literatura de um modo geral e pelo acervo antirracista que essa escola tem ou está em processo de construção. Cada detalhe registrado na imagem carrega com si um emaranhado de significados e nos possibilitam reflexões nessa e outras pesquisas advindas da temática.

A seguir, apresentamos o quadro de coerência onde materializamos os caminhos metodológicos que escolhemos para esta pesquisa.

Quadro 5 - Quadro de coerência da pesquisa

TEMA - DA TRAVESSIA AO ENCONTRO: o trabalho com a literatura antirracista no Bloco Inicial de Alfabetização		
PROBLEMA – O professor (a) considera importante selecionar livros antirracistas em suas práticas pedagógicas?		
OBJETIVO GERAL – Analisar os motivos que levam à uma seleção de livros de literatura antirracista, pelos professores que se relacionam com os estudantes em processo de alfabetização.		
Questões Secundárias	Objetivos Específicos	Metodologia
<ul style="list-style-type: none"> • Como esse (a) professor (a) escolhe os livros de literatura antirracista? Quais os motivos e finalidades dessa escolha? 	<p>Analisar a organização do trabalho com a literatura antirracista dentro da prática pedagógica cotidiana;</p>	<ul style="list-style-type: none"> ★ Revisão bibliográfica ★ Abordagem qualitativa, com o propósito exploratório (Creswell 2007, p.188)
<ul style="list-style-type: none"> • Existe uma preocupação, desse alfabetizador em selecionar leituras de autores negros ou com a temática antirracista? 	<p>Identificar as estratégias utilizadas pelo professor na seleção de literatura antirracista;</p>	<p><u>Instrumentos para geração dos dados</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Questionário. • Análise do Projeto Político Pedagógico de cada escola. • Entrevista livre com a responsável pela biblioteca ou sala de leitura. • Fotos do acervo da biblioteca ou sala de leitura.
<ul style="list-style-type: none"> • A biblioteca ou sala de leitura tem um acervo que promova esse encontro do leitor com a temática antirracista? 	<p>Descrever o papel da biblioteca ou sala de leitura na promoção de um encontro do leitor com a temática antirracista</p>	<p><u>Análise dos dados</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados Bardin (2004)
TERRITÓRIO DA PESQUISA – Quatro escola da Região Administrativa do Guará.		
SUJEITOS DA PESQUISA – Professores de escolas públicas que atuam nas turmas do Bloco da Alfabetização Inicial no Distrito Federal e nas salas de leitura/bibliotecas dessas escolas.		
PRODUTO TÉCNICO: curso de 40 horas no qual o (a) professor (a) que trabalha em turmas de alfabetização, receba uma formação reflexiva sobre os critérios necessários na seleção de livros de Literatura Infantil Antirracista.		

Fonte: Desenvolvido pela autora (2022).

CAPÍTULO 4

Algumas descobertas importantes: análises dos dados gerados

E ela sentou o bebê no colo para lelé bater palminha e balançar os pés, e ela mostrou para ele um livro cheio de figuras.

Cooke, 2008

4.1 – Breve contextura das análises

Organizamos as categorias dos dados gerados, em forma de uma teia, analisando os questionários respondidos, os Projetos Políticos Pedagógicos de cada escola, as entrevistas com os responsáveis pelas salas de leitura/bibliotecas, as fotos desses espaços com a disposição dos livros aos leitores e o referencial teórico, embasando as análises. Nesse estudo singular e reflexivo, os dados foram tratados de uma maneira fidedigna e respeitosa, com o propósito maior de refletir sobre a importância de selecionar livros para uma prática de leitura antirracista.

Assim, torna-se imprescindível a postura desse profissional de educação, diante das questões relacionadas a importância da literatura e os critérios usados nessa seleção. Os dados dos questionários revelam essa preocupação por parte dos professores, inclusive durante o ano todo e não somente na “Semana da Consciência Negra”, em novembro.

Refletimos sobre os Projetos Políticos Pedagógicos das quatro escolas, e como propõem ações reflexivas à sua comunidade escolar. Percebemos que o tema antirracista não se faz presente na maioria dos documentos, não com ações para o ano letivo todo, apenas ações particulares em datas comemorativas. A temática se faz urgente e necessária durante o ano todo, para que esse leitor possa criticamente, combater qualquer tipo de racismo que presenciar em seu cotidiano.

As entrevistas com os profissionais que cuidam dos espaços destinados aos livros da escola, em alguns chamados de Sala de Leitura e em outros, biblioteca. Revelam como essa comunidade escolar investe ou não, nessa formação leitora. Como esse espaço contribui ou serve de depósito, e com isso interfere no direito à literatura de qualidade aos leitores em processo de formação.

As fotos evidenciam o que não foi dito nas entrevistas com esses profissionais que cuidam desses espaços, até mesmo porque em sua maioria, não são bibliotecários, mas professores regentes redirecionados para a função de

bibliotecário por motivos muitas vezes pessoais (licenças ou retornos de licença). Espaços que não permitem muitas vezes, a circulação de muitas crianças ao mesmo tempo, apertados e abarrotados de livros, DVDs, mapas e tudo o que não cabe em outro espaço, destina-se a esse. Até mesmo uma má distribuição do acervo, porque em uma sala de leitura o acervo está abarrotado em prateleiras e em outra as estantes estão mais vazias, com espaços vagos.

Frente aos desafios encontrados nas escolas, percebemos o quanto os/as professores (as) regentes necessitam refletir sobre suas escolhas, seus critérios e como tratam a literatura em suas salas de aula. E como ainda sentem dificuldades em falar sobre as suas práticas, analisar e rever a didática que utilizam na formação desses leitores em processo de aprendizagem. Isso ficou nítido após o envio do forms pela coordenação das escolas, pois recebemos apenas dez questionários respondidos das quatro escolas, em um total de mais ou menos cinquenta e oito turmas.

Além disso, é preciso registrar que a os/as professores (as) da Escola Classe Amor não tiveram interesse em participar do estudo, por estarem com demandas importantes em sua rotina. Com isso, dezesseis professores que trabalham no ciclo investigado ficaram de fora da nossa pesquisa, utilizamos as fotos do espaço destinado a sala de leitura, uma conversa informal com a coordenadora pedagógica e o acesso ao Projeto Político Pedagógico.

Os/As professores (as) das demais escolas, mesmo com pouca adesão, responderam ao questionário, na Escolas Classe Beleza e na Escola Classe Diversão, foi possível conversar pessoalmente com as responsáveis pela sala de leitura. Na Escola Classe Carinho a conversa aconteceu pelo WhatsApp, por incompatibilidade de horários entre a pesquisadora e a responsável pela sala de leitura. É importante ressaltar que essa escola foi a que teve o maior número de respostas ao questionário.

A seguir, apresentamos as categorias listadas após a geração e análise dos dados, um breve resumo do que analisamos em cada uma, como um ponto de partida para as nossas ponderações a luz da teoria que nos ancora nessa pesquisa. Evidências que a nossa investigação pretende responder ou outras pesquisas que surgirem a partir das lacunas que nossa investigação inicial não alcançou.

A primeira categoria: *o trabalho intencional com a literatura* desvenda como os professores (regentes ou realocados em bibliotecas) entrevistados utilizam da

Literatura Infantil para abordar a temática antirracista e o direito à literatura, necessário a formação humana.

A segunda categoria: *a literatura x rotina escolar*, para além de uma justificativa, como esses professores organizam o tempo didático em suas turmas, tendo o conteúdo de um lado e a leitura do outro. Oportunizando aos seus estudantes, leituras diversas e principalmente a temática antirracista, com autores ou protagonistas negros, garantindo a representatividade.

E por fim, a terceira categoria: *a necessidade da formação inicial ou continuada para uma educação antirracista*, ofertada aos professores como um momento de trocas e diálogos das práticas com maior êxito, embasados pela teoria, avaliando o que existe de melhor na literatura brasileira com a temática antirracista. Mesmo com a lei 10.639/03 que obriga as escolas de Ensino Fundamental e Médio a ensinarem sobre história e cultura afro-brasileira, percebemos os professores estão sedentos por formações que os auxiliem no planejamento das melhores ações pedagógicas e escolhas literárias.

Diante das categorias apresentadas, retomamos a leitura das pesquisas listadas no Estado da Arte, onde Silva (2016, p. 21) afirma que

Para o professor, o mediador imediato desse encontro, é imprescindível compreender o papel da literatura na formação humana, no entanto essa compreensão implica na desconstrução de práticas baseadas em discursos (concepções) historicamente enraizados, em que o uso da leitura literária é justificado apenas como forma de conhecimento.

É fundamental a formação do professor para a percepção dessa urgência no ensino da literatura como uma maneira de libertação, de criticidade e de reconstrução de conceitos enraizados em todos nós. A seguir, iniciamos as análises trazendo os dados gerados nas categorias listadas acima.

4.2 – O trabalho intencional com a Literatura

A literatura está intimamente ligada à nossa humanidade, complexa e cheia de questões que muitas vezes, não conseguimos responder. E essas questões, nos levam a olhar para o nosso cotidiano, com olhares críticos e regados de sensibilidade para retomar as nossas próprias histórias. Cândido (2004, p. 177) afirma que

Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.

Frente à essa necessidade humanizadora, é importante entender melhor como esse (a) professor (a) percebe a potência do trabalho literário em sala de aula, um ponto de partida importante para refletir sobre as práticas pedagógicas adotadas por esses profissionais em turmas do BIA, com crianças em processo de alfabetização. Ficou claro nas respostas dos questionários, que existe por parte deles uma preocupação com o trabalho com a literatura, como afirma a **professora Carla**: *“Eu acho que é um trabalho mais rico e que possibilita aprendizagens diversas, não apenas o “decorado”.*

A intencionalidade no trabalho com a literatura em classes de alfabetização requer por parte do (a) professor (a) uma intimidade maior com os livros literários para uma melhor elaboração do planejamento pedagógico, contemplando esse espaço de leitura literária fundamental. O/A professor (a) como um exemplo de leitor experiente com atitudes e comportamentos que modelizam ao estudante, boas práticas de leitura em sua vida escolar. A **professora Raquel**, reforça em sua resposta:

Penso que é válido e importante, cada professor tem sua peculiaridade ao usar livros, pois nem sempre se adequam a situação das crianças e temos que complementar. (Resposta ao questionário).

Percebemos essa preocupação em garantir o trabalho com a Literatura Infantil presente também no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Classe

Amor, principalmente após a pandemia do COVID-19 ⁹quando afirma na página 19 do documento que:

- Diante dos inúmeros desafios, que a pandemia trouxe, a escola acredita estar contribuindo de forma a recuperar e construir a dimensão social e ética por meio do crescimento pessoal, assegurando-lhes a formação comum indispensável ao exercício da cidadania, formando cidadãos autônomos, críticos e conscientes da sua realidade, valorizando a qualidade do ensino público, respeitando as diferenças e valorizando a pluralidade.
- ✓ Produzir materiais para atender a todos os estudantes em suas especificidades, após realização de atividades diagnósticas e avaliativas;
 - ✓ Adaptar o atendimento, se possível de forma individualizada e coletiva para os estudantes com Necessidades Especiais;
 - ✓ Proporcionar e acompanhar a participação e realização das atividades de todos os estudantes;
 - ✓ Implementar a Organização Curricular – Ensino Fundamental- anos iniciais 2023;
 - ✓ Propiciar maior integração entre os componentes curriculares;
 - ✓ Possibilitar ao estudante meios de despertar princípios estéticos da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais;
 - ✓ Promover o espírito crítico no estudante;
 - ✓ **Despertar interesse pela leitura e desenvolvimento da escrita;**

Projeto Político Pedagógico – Escola Classe Amor página 19

Ainda analisando o mesmo documento, na página 20 encontramos um item importante que garante o direito ao trabalho com a temática “História e Cultura Afro-brasileira e indígena, estabelecida pela lei nº11.645 de 2008.

- ✓ Atender as Leis 3.940/2007 (institui o Estatuto do Portador de Necessidades Especiais) e 11.645/2008 (estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”);

Projeto Político Pedagógico – Escola Classe Amor página 20.

Pensar sobre que literatura utilizar na prática pedagógica, requer do professor estudo, uma maior intimidade com os livros. Muitas vezes essa literatura não terá todas as respostas e aí está a “humanização”, pois enquanto seres humanos também não temos todas as respostas as diversas questões que levantamos ao longo da nossa vida. E nesse sentido, Silva (2016, p.21) declara que

Por isso, a intenção nessa discussão não é problematizar a relação leitora e leitor fora do ambiente escolar – a qual é marcada por inúmeras desigualdades –, mas adentrar as portas da educação regular buscando caminhos de se garantir o direito à literatura. O que se ressalta é o papel da escola, traduzida diretamente na mediação do professor, como espaço privilegiado para o encontro entre texto e leitor.

⁹ A COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

Para saber mais: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid19#:~:text=Em%2011%20de%20mar%C3%A7o%20de,pa%C3%ADses%20e%20regi%C3%B5es%20do%20mundo.>

Conscientes dessa relevância da literatura para nossos leitores em processo de formação, mudamos o nosso “olhar” e repensamos a nossa própria prática, o que nos motiva a refletir sobre os caminhos tomados e muitas vezes, virar em direção contrária. É o que afirma a **professora Paula**, responsável por uma sala de leitura:

Quando eu vim para a biblioteca, tinha um setor, uma separação de livros que trazia o tema diversidade. E nesses livros tinham questões das pessoas com deficiência, do negro e do índio. E aí analisando esses livros eu procurei trazê-los para os livros que as crianças têm interesse. Por exemplo elas têm interesse em Mangá, clássicos infantojuvenil como “Um diário de uma banana”, “Harry Potter” e entre outros. Eu procurei tentar inserir a questão da diversidade nesses livros que eles têm interesse, para não ficar uma ala separada, porque ainda têm alguns livros dessa temática que estão separados e eles não têm interesse nenhum. Eles nem chegam perto, nem procuram e até então, o professor, o regente da sala de aula, ele não abordou o tema aqui na sala de leitura e também não procurou livros que pudessem ser emprestados para essas crianças para que pudessem ler em casa ou mesmo na sala.

Ao constatar que as crianças nem chegavam perto dos livros, a professora Paula muda o percurso, tira os livros e mistura entre outros, quem sabe um desses livros será escolhido e trará uma imensidão de possibilidades a esse leitor. Estamos falando de títulos repletos de representatividade, como podemos perceber na foto 16:



Foto 16 – Livros da temática antirracista

Existe nessa escola, uma variedade de títulos, porém na fala da professora Paula percebemos que não existe, por parte de alguns professores o interesse na temática. O fato de não procurar o livro na sala de leitura não quer dizer que o mesmo não o faz em outros espaços, como acervo pessoal. Porém, se a escola dispõe de um espaço voltado para esse trabalho, o (a) professor (a) precisa ocupá-los junto aos seus estudantes.

A teoria não pode estar dissociada da prática ou apenas constar no PPP da escola, uma vez que o (a) professor (a) atua com vidas, crianças que muitas vezes não tem as mesmas oportunidades, e na escola elas podem e devem ter os seus direitos respeitados. A **professora Vânia** pondera que:

A literatura além de promover a ampliação do vocabulário e experiência leitura dos estudantes ajuda a desenvolver o pensamento e raciocínio lógico, formação e desenvolvimento cognitivo e social, reflexão sobre valores entre outras situações necessárias para o desenvolvimento humano.

Sabemos que a literatura tem esse papel, mas na rotina escolar muitas vezes priorizamos outros momentos em que o conteúdo é fundamental. Aqui existe uma questão importante: o conteúdo escolar é fundamental e não estamos dizendo o contrário, porém o que fica claro é uma priorização dele em detrimento da leitura literária. Ou em outros casos, o acesso aos livros de uma maneira não intencional, algo para o estudante quando “não tem mais atividades ou sobra tempo” o que na maioria das vezes não acontece, porque os conteúdos são intensos. A **professora Roberta** reitera que:

Ainda há muito que se aprimorar. Precisa de um planejamento em que haja continuidade da aprendizagem por meio da leitura. E não o simples deixar as crianças mexerem nos livros.

Percebemos essa prática nas salas de aula, o livro sendo utilizado no mais simples de suas “funções” como uma leitura minimalista, sem trocas ou reflexões sobre o que se leu com outros colegas ou uma intenção na escolha dos livros apresentados nesse momento. A literatura tem tantas camadas que não são esses contatos mais simples e sem um propósito que potencializarão os saberes dos estudantes em formação.

Em turmas de alfabetização, assim como nas outras turmas do Ensino Fundamental existe um ponto comum: a falta de tempo. São muitas demandas e em alguns casos, a leitura não é privilegiada. Servindo apenas como mais um momento didático, após o recreio para acalmar as crianças ou trabalhar um assunto específico, como o respeito, a importância da amizade e outros. A literatura não pode ser deixada de lado ou muito menos elevada a posição didática de “ensinar” alguma coisa, até mesmo porque essa função é muito usada na escola. Lerner (2002, p.87) reitera que

Quando se opta por apresentar os objetos de estudo em toda sua complexidade e por reconhecer que a aprendizagem progride através de sucessivas reorganizações do conhecimento, o problema da distribuição do tempo deixa de ser simplesmente quantitativo: não se trata somente de aumentar o tempo ou de reduzir os conteúdos, trata-se de produzir uma mudança qualitativa na utilização do tempo didático.

A Escola Classe Beleza tem uma proposta em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), um projeto intitulado “Projeto Ler para Ser” o qual declaram na página 88 o papel fundamental que a biblioteca da escola assume diante dessa proposta.

A Biblioteca deve assumir seu lugar no espaço pedagógico, como um centro dinamizador da leitura e difusor do conhecimento produzido pela humanidade. O projeto **LER PARA SER** visa cativar os estudantes da Escola Classe 02 de forma natural, através da dinamização do ambiente da biblioteca escolar.

O presente projeto compõe-se de vários subprojetos de natureza diversificada, com propósito pedagógico de desenvolvimento de ações específicas, direcionadas aos estudantes da Escola Classe 02, que cativado, atraído para este ambiente dinâmico, passa a ver e a interagir com um mundo de informação de forma crítica, ativa e lúdica.

A Biblioteca só existe de fato, não em espaço estático, mas em movimento dinâmico se for uma parceira da escola a qual faz parte, envolvida e presente em suas atividades. Ela é uma extensão da sala de aula e deve ser um canal de fomentação da leitura trazendo resultados positivos e reais retornados para a vida do estudante.

Projeto Político Pedagógico – Escola Classe Beleza página 88

Aqui encontramos declarado no documento a importância da biblioteca em uma comunidade escolar, pulsante e cheia de ações das quais, precisa se inteirar e participar ativamente, assumindo vários papéis quando solicitada. Enquanto professores (as) temos um papel fundamental na formação dos estudantes, como afirma Carina (2023, p. 24) [...] professoras e professores são esses “doadores de memórias” com o papel de transmitir socialmente às novas gerações um legado cultural sistemático que tanto nos impulsiona no sentido do desenvolvimento humano.

O professor, com as suas demandas de conteúdo muitas vezes prioriza essas atividades, que são fundamentais em um processo de aprendizagem, porém é

preciso proporcionar momentos de leitura das classes do BIA, porém o que a **professora Fernanda** afirma

Penso que seria ótimo se todas as escolas tivessem uma biblioteca e bibliotecário (profissional) preparado para apresentar a literatura e preparar um ambiente que estimulasse o aluno a ter o gosto pela literatura e leitura.

Assim como a **professora Laura** ao realçar que:

O espaço da escola e a literatura seria um casamento perfeito, mas, nem sempre neste espaço escolar é viabilizado o acesso a literatura, às vezes por não se ter bibliotecário ou o professor alfabetizador não ter uma caixa de leitura em sala de aula. E outra fragilidade é que muitos alunos não conseguem ler pequenos livros. E essas barreiras entram no processo transformador da realidade social.

Sabemos que mesmo com a presença desse profissional, o bibliotecário, o papel do professor na formação leitora são fundamentais, principalmente em turmas do BIA, onde os estudantes estão em processo de aquisição do sistema de escrita e leitura. O nosso exemplo e envolvimento são de extrema necessidade para o engajamento dessas crianças, em um mundo sem tecnologia. Koide (2016, p. 36) realça que

Pela mediação do adulto, pode-se despertar o prazer e o interesse literário na criança, alimentando a fruição e promovendo aprendizagens; contudo, é também dentro da escola que a criança tem a oportunidade de aprender os valores sociais. Sendo assim, a literatura infantil, quando utilizada como fruição e também como meio para promover reflexões intelectuais e afetivas, poderia contribuir com o desenvolvimento da criança, sem dominá-la?

Temos um papel singular na formação leitora das nossas crianças, mesmo com a presença nas escolas de um bibliotecário, o (a) professor (a) permanecerá atuando de maneira significativa nos processos de aprendizagens dos seus estudantes.

É preciso uma reorganização da rotina e conseqüentemente, das atividades propostas para aquele dia, com um espaço reservado à literatura. Esse momento pode ser tanto no início como no final da aula, mas sem o objetivo de ensinar algo e sim de abrir reflexões e possibilidades para o contato. A professora Valéria corrobora com essa ação ao afirmar que *o início da aula eu sempre tento ler alguma obra literária sobre a temática da semana, de acordo com a sequência didática.*

A seguir, trataremos de outra categoria na análise dos dados gerados que consideramos indispensáveis em nossa pesquisa.

4.3 – As dificuldades encontradas no trabalho com a Literatura Infantil

A rotina da sala de aula muitas vezes repleta de atividades, livros e trabalhos impede que o (a) professor (a) priorize a leitura diante de tantos livros a finalizar. Falando em turmas de alfabetização, esse fato agravasse-se por serem crianças recém-chegadas ao Ensino Fundamental I, vindas de uma Educação Infantil com poucas atividades que exijam registro escrito e muitas possibilidades de exploração tanto do ambiente quanto dos materiais ali disponíveis.

Existem dificuldades encontradas no trabalho diário com a Literatura Infantil, reveladas pelos professores em suas respostas ao questionário, como alega a **professora Patrícia**

A turma lotada de alunos em níveis de aprendizagem diferentes. É planejamento diferenciado para os alunos ANEE¹⁰, mais planejamento para os alunos em diferentes níveis do teste psicogênese. Falta tempo hábil para realizar diariamente o trabalho de alfabetização em cima de literatura. Mas sempre que possível eu realizo. Ao menos 1 vez por semana.

A professora Patrícia trouxe em sua resposta, alguns pontos importantes para nossa reflexão em relação a um trabalho de qualidade com a Literatura em seu cotidiano escolar. Turmas lotadas, crianças com conhecimentos diferentes e as adaptações no planejamento trazem obstáculos que necessitam de superação e conhecimento por parte desse professor (a). Conhecimento este que Perrenoud (2002, p. 58) afirma

Para exercer com serenidade uma profissão humanista, é preciso saber perfeitamente o que depende da ação profissional e o que não está ao alcance dela. Não é possível carregar todo o peso do mundo, assumir todas as culpas e sentir-se constantemente culpado; mas, ao mesmo tempo, não podemos fechar os olhos, perceber o que poderíamos ter feito se tivéssemos compreendido melhor o que estava acontecendo, se tivéssemos sido mais ágeis, perspicazes ou convincentes. Aprendemos com a experiência estreitando cada vez mais a margem em que a competência profissional faz a diferença.

Atuar com esses desafios tão dinâmicos em uma sala de aula, requer um arcabouço de intervenções necessárias para o (a) professor (a). Nas respostas ao questionário ficou evidente também as dificuldades decorrentes ao COVID-19, com

¹⁰ Alunos ANEE – Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Para saber mais: <https://www.educacao.df.gov.br/aluno-com-necessidades-especiais-vai-da-escola-publica-a-faculdade/> Acesso em 10/1/2024 às 10h.

crianças apresentando lacunas em suas interações e aprendizagens, como alega a **professora Vitória**

Atualmente, estamos colhendo ainda resquícios do COVID 19. E as crianças principalmente do 3º ano, foram prejudicadas em conteúdo e socialmente, o que faz com que percamos maior tempo em controle da turma, pois coisas que deveriam até comportamental ter acontecido lá atrás, as crianças têm que passar agora. Só que no 3º ano reprova se não alcançar os pré-requisitos.

São aspectos relevantes e que trazem obstáculos ao trabalho diário em turmas do BIA, com a Literatura Infantil antirracista. Uma vez que a continuidade faz parte essencial do processo de aprendizagem, além disso o contato com a diversidade de autores, narrativas e imagens possibilitam ao estudante a criação de rotina.

E o trabalho apresenta-se difícil não somente ao professor (a) regente. Mas aqueles que estão como responsáveis pela sala de leitura também enfrenta dificuldades em seu trabalho com a literatura, como comenta a **professora Luana**

E como estou catalogando esses livros, verificando, separando e dividindo por temáticas, por gêneros, eu também ainda não desenvolvi nenhum trabalho a respeito dessa temática antirracista. Quanto a quantidade de livros, ainda temos pouco e os que têm estou tentando inserir como alguns livros de contos brasileiros, alguns estrangeiros, e por aí a gente está tentando inserir para que eles na curiosidade de pegar um livro qualquer, eles puxem esse livro e tentem ler ou ver as figuras e ali inserir também. As crianças aqui na escola não têm muito o hábito de leitura, como estamos enfrentando em várias escolas públicas. E com o retorno da biblioteca, estamos fazendo com que eles tenham o hábito pelo menos de conhecer o livro e aí então desenvolver uma leitura e se interessar por várias temáticas.

É necessário criar o hábito, fomentar o desejo e o interesse das crianças em buscar nos livros literários a “humanidade” que nos falta. Cândido (1989) é categórico ao afirmar

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Ela (a literatura) não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.

O papel do (a) professor (a) é imprescindível nesse encontro entre o literário e o leitor em formação inicial, cheio de interesse e desejos em adentrar o mundo da leitura e da escrita. Mesmo em uma era digital, encontramos crianças em processo de alfabetização muito interessados em aprender a ler e escrever para encontrar, sozinhos os jogos em seu videogame, por exemplo. Koide (2016) afirma

Acreditamos que por meio da formação contextualizada, o professor terá acesso a conceitos e experiências capazes de elevar o caráter do texto literário, fortalecendo-o como formatividade, como palavra-arte, como meio para o desenvolvimento infantil, que vai além da exclusiva palavra-informação,

É preciso criar uma comunidade leitora, e principalmente, na luta por igualdade e representatividade, uma literatura que aborde a temática antirracistas em suas narrativas. São mudanças em nossas escolhas, que farão a diferença na luta antirracista, como por exemplo escolher autores de literatura infantil negros e trazer essa leitura para a sua turma. Ribeiro (2019, p. 108) reafirma que “Este pequeno manual serve, assim, como um guia adentrar debates complexos com desdobramentos diversos. Esta leitura pretende refletir na tomada de atitudes antirracistas, sobretudo para quem busca uma postura ética em sua existência”.

São mudanças em nossas atitudes, nas escolhas e ações que fazer muita diferença na garantia da leitura literária diária, principalmente com a temática antirracista onde escolhemos autores negros ou com protagonista sem estereótipo, mas com uma narrativa significativa que acrescente ao estudante. Representatividade presente em diversas obras literárias atuais, com livros que trazem em sua essência o que queremos de fato em nossas turmas, o sentimento de pertencimento.

A seguir, abordaremos a última categoria na análise dos dados, a qual se apresentou determinante para um efetivo trabalho antirracista.

4.4 – A formação para uma Educação Antirracista

O /A professor (a) não recebeu em sua formação em Pedagogia, informações sobre a temática antirracista, a preocupação em garantir a representatividade de todos, porém como vimos anteriormente, em 2003 a lei foi alterada para uma garantia de inclusão no currículo oficial das escolas brasileiras, a obrigação em trabalhar com a temática “História e Cultura Afro- Brasileira”, no artigo 26- A. Já se passaram vinte anos da alteração da lei e percebemos as adversidades no enfrentamento dessa luta.

Mesmo assim, ainda encontramos um trabalho sistemática apenas no Dia da Consciência Negra, como observamos no PPP da Escola Classe Beleza na página 15, em seus objetivos encontramos o desejo de:

- Trabalhar o dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência – Lei nº 11.133/2005 e o dia da Consciência Negra Lei nº 10.639/2003;
- Utilizar a biblioteca como recurso pedagógico, sistemático;

Projeto Político Pedagógico – Escola Classe Beleza página 15

No documento, fica claro a preocupação com os trabalhos para o Dia da Consciência Negra, porém uma questão fomenta em nossa pesquisa: e durante os outros dias do ano letivo? Existe essa preocupação? A **professora Fernanda** garante a preocupação com a leitura

Vou à biblioteca de 1 a 2 vezes por semana. A leitura faz parte do cotidiano escolar. Há leitura diária de livros previamente selecionados, assim como também é ofertado vários tipos de leitura para as crianças.

Porém é preciso refletir sobre o que está nos documentos das escolas assim como nos planejamentos dessa leitura, que de acordo com o PPT dessa escola e com a resposta da professora Fernanda, acontecem na rotina escolar. Mas como esses momentos estão acontecendo? Quais critérios estão sendo observados nessa seleção?

As escolhas desse (a) professor (a) estão intimamente ligados às concepções de leitor, de um trabalho antirracista e até mesmo de criança que esse educador (a) tem dos seus estudantes. A leitura, como já mencionado anteriormente não deve estar em função de alguma situação, mas a favor da própria constituição do estudante em processo de alfabetização. Com parceiros mais experientes, como o (a) professor (a) que atua atento e sensível ao que de fato sua turma necessita, terá êxito no processo de aprendizagem. A **professora Vivian** alega que

Geralmente atuo no início da alfabetização e uso de recursos literários constantes no processo de aquisição e consciência da relação entre o que se fala, escreve e lê. Os gêneros literários são essenciais para o processo de alfabetização e letramento.

Para fazer boas escolhas de livros que abordem a temática antirracista é preciso conhecer, experienciar e ter uma intimidade com essa literatura. O que acontecerá com bons cursos de formação para esse profissional, percebendo a necessidade de atualização diante dos desafios da luta a qual estamos dispostos a enfrentar. Para Perrenoud (ano, p. 63)

A formação em uma prática reflexiva não responde, como tal, à questão do sentido. No entanto, ela permite suscitar o problema, oferece algumas ferramentas e estimula uma forma de sensatez, a qual consiste em abandonar as certezas, os problemas definitivamente resolvidos e os pareceres egocêntricos. O profissional reflexivo vive na complexidade “como um peixe dentro d’água”, ou, pelo menos, sem revolta e sem a nostalgia incurável do tempo em que tudo representava segurança.

Trouxemos no questionário a seguinte pergunta: “Nas formações continuadas fornecidas pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, existe um trabalho articulado com a perspectiva antirracista?”, encontramos as seguintes respostas

“Desconheço”, “Todos os cursos que fiz pela EAPE têm uma abordagem antirracista, mesmo que a temática seja pincelada brevemente”, “há vários movimentos isolados que dependem da procura por cada professor interessado”, “existe eu na sala de aula mediando a igualdade racial”, “Desconheço”, “acredito que sim” e sim. Na EAPE existe um curso excelente com um professor que fez doutorado no Texas. Infelizmente não deu quórum nesse segundo semestre, mas o trabalho ele continua fazendo in loco nas escolas. Basta a escola solicitar via SEI”.

Chegamos em um ponto delicado da nossa pesquisa, quando constatamos que alguns professores “desconhecem”, “não teve quórum” e ainda “existe eu na sala...” Observamos que mesmo na análise do PPT das escolas, conversas com as responsáveis pela sala de leitura/biblioteca e respostas ao questionário, ainda temos um trabalho enorme na formação desse (a) professor (a) que está lá, na linha de frente com essa criança.

Na entrevista, ainda com a responsável pela sala de leitura de uma das escolas, fica claro o trabalho árduo dessa pedagoga de formação atuando como bibliotecária

Quando eu vim para a biblioteca, tinha um setor, uma separação de livros que trazia o tema diversidade. E nesses livros tinham questões das pessoas com deficiência, do negro e do índio. E aí analisando esses livros eu procurei trazê-los para os livros que as crianças têm interesse. Por exemplo elas têm interesse em Mangá, clássicos infantojuvenil como “Um diário de uma banana”, “Harry Potter” e entre outros. Eu procurei tentar inserir a questão da diversidade nesses livros que eles têm interesse, para não ficar uma ala separada, porque ainda têm alguns livros dessa temática que estão separados e eles não têm interesse nenhum. Eles nem chegam perto, nem procuram e até então, o professor, o regente da sala de aula, ele não abordou o tema aqui na sala de leitura e também não procurou livros que pudessem ser emprestados para essas crianças para que pudessem ler em casa ou mesmo na sala.

Um ponto importante a ser destacado: quem cuida das salas de leitura/biblioteca são professoras com formação em Pedagogia, afastadas da sala de aula realocadas nesses espaços. É preciso deixar registrado que o curso de

biblioteconomia¹¹ é um estudo aprofundando e abrange a organização, preservação e disseminação da informação.

Sendo assim, com a intuição da professora as crianças entram em contato com os livros meio que “por acidente” ou até mesmo “sem querer”. Uma estratégia usada para trazer a temática as mãos desse leitor, e conseqüentemente, da família que fará a leitura junto ao seu filho. Por isso o trabalho do (a) professor (a) é tão fundamental nessa garantia de literatura antirracista.

As situações vivenciadas no cotidiano escolar acabam influenciando as ações desse (a) professor (a), pois na procura por uma prática reflexiva, procura modificar a sua realidade como conta a responsável por outra biblioteca

Tem essa temática, tivemos um problema em um passeio, uma situação um pouco difícil, que precisava ir além da resolução daquele problema naquele passeio. A professora veio e procurou vários livros dessa questão da educação antirracista, selecionou, trabalhou durante um mês inteiro em sala, lendo com eles, trocando informações, e fez um trabalho muito legal com relação a isso. Então, não só esse tema antirracista, mas todos os temas que envolvem a dinâmica da sala de aula para também não ficar nesse foco de uma maneira que “precisa” ser falado de qualquer jeito. E sabemos que todos esses assuntos são extremamente importantes, extremamente necessários que se fale de uma maneira que a gente aborde com entendimento que a criança tem capacidade de entender e participar, e para que não fique parecendo que só isso tem importância, porque todos os outros temas são igualmente trabalhados e igualmente o envolvimento da biblioteca é o mesmo.

Em conversa informal, a professora relatou que a criança sofreu racismo¹² por parte de uma outra criança, o que causou um misto de sentimento em todos: tristeza e raiva. A escola é um espaço rico para debates e reflexões como essa, e na literatura encontramos meios para uma conversa com as crianças, buscando trazer o que de fato formará esses cidadãos para um futuro novo, uma sociedade justa e respeitosa.

Falar sobre racismo é abordar a aversão, o ódio e raiva as pessoas não brancas. A cor da pele, o tipo de cabelo, os traços fisionômicos são exemplos da falta de respeito que encontramos em diversos ambientes, e no caso citado acima, em um passeio escolar. É necessário falar, refletir e acima de tudo, agir! A professora que estava no passeio, com muita sensibilidade, retomou o assunto em sala com a

¹¹ Para conhecer mais o curso: <https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/biblioteconomia> acesso em 10/07/2024 às 18h.

¹² Para saber mais: GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-97.

intenção de não disseminar o ódio, mas sim o entendimento de um contexto social anterior as nossas gerações.

Quando a lei é alterada e o Ensino da Cultura Afro-Brasileira passa a fazer parte do currículo escolar, encontramos desafios pois a ideia em relação a essa temática gira em torno de “conhecer “mais sobre a história da África, como alega Mota (2021)

Um dos desafios dos cursos de História da África é estabelecer a distinção entre história africana e história afro-brasileira. Ainda que haja continuidades e partilhas entre os dois campos, eles não são sinônimos. Este é um dos primeiros enfrentamentos: mesmo após quase um semestre de curso de História e Cultura Afro-brasileira, ainda se ouvia nos corredores os alunos matriculados comentarem sobre “o curso de África”. Uma vez estabelecida a distinção, a história da África parece tornar-se mais distante dos alunos, embora também mais instigante. Por outro lado, a história afro-brasileira ganha uma dimensão mais próxima, ligada à realidade histórica e social experimentada por eles em seu cotidiano. Deixa de ser, portanto, um discurso de afirmação ou exclusão e torna-se uma ferramenta para compreensão de si, de suas relações sociais e do mundo à sua volta.

É preciso quebrar paradigmas, enfrentar o desafio e garantir uma educação antirracista e nesse propósito, a Literatura Infantil e a nossa aliada. Adotar a postura antirracista é acima de tudo, acolher a luta, o protesto, o enfrentamento e até mesmo a denúncia do racismo. O /A professor (a) que adere à luta, terá uma postura diferenciada em sua prática e nutrirá seus estudantes com o que de melhor cada um tem a oferecer em contribuição para a nossa sociedade.

Fechando nosso texto, expusemos nossas considerações finais acerca das contribuições na escolha de Literatura Antirracista nas turmas de BIA.

CAPÍTULO 5

Produto técnico

Gosto tanto de ver você escrevendo seus contos, meu filho. Às vezes eu também escrevo. Sabe, quando eu tinha a sua idade, não sabia ler nem escrever. Você quer que eu conte a história de como aprendi a ler? Depois podemos escrevê-la juntos. O que acha dessa ideia? Então vou começar...

Vasco, 2016.

Como Produto Técnico da nossa pesquisa, apresentamos o curso que tem como premissa um diálogo entre os diversos saberes sobre a leitura e a literatura antirracista dos educadores participantes e os conhecimentos contemporâneos a respeito do trabalho de qualidade com a formação leitora na escola.

Compreendendo a literatura como uma arte que também tem a função emancipatória de ampliar os horizontes reais e imaginários do leitor, influenciando em sua formação ética, política e estética, serão propostas reflexões a respeito da importância do investimento na formação leitora dos educadores para a realização de um trabalho pedagógico de qualidade, o que contribuirá na ampliação do olhar em relação à seleção e mediação das leituras no cotidiano, assim como no aumento de conhecimento a respeito dos propósitos didáticos no trabalho de inserção na cultura escrita.

Os dados gerados nessa pesquisa, evidenciam a necessidade de formação continuada dos (as) professores (as) que atuam com crianças em turmas do BIA. A proposta de curso para formação continuada dos (as) professores (as) intitulado: *Um convite ao trabalho com a Literatura Infantil: Critérios e Seleções para uma prática pedagógica Antirracista*

A seguir, no quadro está descrito detalhadamente o plano do curso.

Quadro 6: Proposta do Curso de Aperfeiçoamento

PROPOSTA DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO
TÍTULO: <i>Um convite ao trabalho com a Literatura Infantil: Critérios e Seleções para uma prática pedagógica Antirracista</i>
PÚBLICO-ALVO: Professores (as) que atuam em turmas do BIA ou em Sala de Leitura/Biblioteca e equipe pedagógica.
Modalidade: Presencial
Carga horária: 40 horas
EMENTA
<p>Todo sujeito tem direito a ter acesso à literatura de qualidade e o educador tem um papel fundamental na formação leitora, crítica, ética e estética de seus alunos. Com o desejo de instrumentalizar educadores a repensar suas práticas pedagógicas e as escolhas literárias à luz de referenciais teóricos e, a partir daí, apoiá-los no desenvolvimento de estratégias pedagógicas que garantam a realização de um trabalho de formação leitora de qualidade, lançamos o curso.</p>
OBJETIVO GERAL
Habilitar os/as cursistas a selecionarem criticamente os livros com temática antirracista em sua prática pedagógica.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS
<p>Valorizar e ampliar o repertório literário antirracista dos participantes.</p> <p>Modelizar procedimentos de leitura, à luz de referências teóricas contemporâneas.</p> <p>Refletir sobre a função humanizadora da literatura e prática pedagógica para a formação de leitores, instrumentalizando os educadores para uma vivência de qualidade.</p> <p>Criar um espaço para a circulação de diferentes informações sobre os temas trabalhados e favorecer a apropriação de novos aprendizados relativos ao trabalho com formação leitora antirracista.</p>
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
Módulo 1 – Trabalho com a literatura – contextualização (10 horas)
<p>1.1 História da literatura infantil no mundo e no Brasil;</p> <p>1.2 Fundamentos teóricos sobre o trabalho com a literatura;</p>

- 1.3 Aspectos da Base Nacional Comum Curricular relativos ao Eixo de leitura;
 1.4 Formação contínua do educador e o seu papel na sua própria formação leitora.

Módulo 2 – O papel do educador na formação leitora dos alunos (10 horas)

- 2.1 Concepções de criança, ensino e professor;
 2.2 Gestão do tempo pedagógico;
 2.3 Critérios de seleção de livros literários de qualidade

Módulo 3 – Práticas de leitura na rotina escolar (10 horas)

- 3.1 Atividades permanentes de leitura: A leitura em voz alta pelo professor, Leitura colaborativa, Sessão simultânea de leitura;
 3.2 Clube de leitura na sala

Módulo 4 – Atividades assíncronas – “tarefas de casa” (10 horas)

METODOLOGIA

As aulas serão pelo Google Meet, com encontros gravados. Cada inscrito terá quinze dias para participar e contribuir com cada módulo, por meio dos fóruns. A cada nova quinzena, um novo módulo será iniciado. O Google Classroom será utilizado para compartilhamento de textos, artigos, fóruns, podcasts e vídeos, atividades, avaliações, referências e sugestões para enriquecimento cultural.

AVALIAÇÃO

- Após cada módulo, o cursista deverá resenhar um livro de Literatura Infantil que considere antirracista (uma lauda) postando no Google Classroom, como fio condutor para o módulo seguinte.
- Como tarefa de conclusão do curso, a partir de todas as inspirações literárias apresentadas, cada participante deverá escrever uma narrativa sobre o que alterou em sua própria prática. Esses textos serão organizados em um livro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2003.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que

estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 11 de março de 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

_____, Direitos humanos e literatura. In: FESTER, Ribeiro, Carlos, Antonio (Org.) et ali. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DEUS, Zélia Amador de. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FILICE, Renísia Cristina Garcia. **Raça e classe na gestão da educação básica brasileira**. 2010. xiii, 326 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

HALL, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA Francisco Thiago. **Currículo Festivo e Educação das Relações Raciais**. 2.ed. Brasília: Editora Kiron, 2022.

Referências complementares – Literatura Infantil Antirracista

EMICIDA. Amoras. Ilustrações: Aldo Fabrini. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

JÚNIOR, Otávio. Da minha janela. Ilustrações: Vanina Starkoff. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

HOOKS, Bell. A pele que eu tenho. Ilustração: Chris Raschka. 1ªed. São Paulo: Boitatá, 2022.

NEVES, André. Obax. São Paulo: Brinque-Book, 2010.

ORTHOF, Sylvia. O Rei Preto de Ouro Preto. Ilustrações Rogério Borges. São Paulo: Global, 2003.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Flora. Ilustrações: Ellen Pestili. São Paulo: Global, 2009.

RUMFORD, James. Chuva de manga. 1ªed. São Paulo: Brinque-Book, 2005.

_____. Escola de chuva. 1ªed. São Paulo: Brinque-Book, 2012.

VASCO, Irene. Letras de carvão. Ilustrador: Juan Palomino. 1ª ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas conclusivas de nosso estudo, recuperamos o objetivo, que foi analisar os motivos que levam à uma seleção de livros de literatura Infantil, que abordem as questões antirracistas. Percebemos que as escolhas dos (as) professores (as) da literatura estão voltados ao propósito de responder algo, uma demanda de conteúdo ou apenas acalmar após o recreio. O nosso problema: o (a) professor (a) considera importante seleciona livros antirracistas em suas práticas pedagógicas. Por meio dos dados gerados, notou-se que as questões antirracistas são tratadas nas aulas, porém não existe essa preocupação em relação a um critério de seleção literatura que aborde a temática antirracista.

Ao longo dos anos de 2022 e 2024 acompanhamos de perto quatro escolas públicas localizadas no Guará – DF, conforme reforçamos no capítulo da metodologia, foram entrevistadas as responsáveis pela sala de leitura/biblioteca das três escolas, o questionário aplicado aos professores e análise do Projeto Político Pedagógico, bem como as fotografias do acervo. Analisamos os dados gerados e a partir desse momento, listamos três categorias: o trabalho intencional com a literatura, a literatura x rotina escolar e a necessidade da formação inicial ou continuada para uma educação antirracista.

No que se refere ao trabalho intencional com a literatura desvendamos como os professores usam a literatura em turmas de BIA. Muitas vezes, uma leitura sem propósito, porém integrante da rotina de sala. O ser humano precisa de fabulação e por meio da literatura encontramos essa possibilidade de conhecer novas culturas ou simplesmente compreender mais da própria história.

Os livros de Literatura Infantil estão cada vez mais atuais, nessa perspectiva e trazer a temática antirracista na escolha dessa temática antirracista possibilitam uma formação leitora humanizada, onde o estudante é afetado e adota uma postura diferente sobre determinados assuntos.

Conforme abordamos, a rotina da sala de aula é muito cheia de tarefas e garantir a leitura literária nesse contexto, torna-se algo bem desafiador por parte do (a) professor (a), que necessita de uma intimidade maior com os livros, com a própria temática e conseqüentemente, adotando uma nova postura.

Esse planejamento, necessita por parte dos (as) professores (as) uma organização de tempo e até mesmo um gerenciamento, daquilo que se torna mais importante, sem abandonar o conteúdo escolar, também importante aos estudantes. E nessa reorganização da prática pedagógica, trazer literatura infantil com autores negros, protagonistas negros, uma garantia de diversidade e inclusão.

Se faz necessário mais uma vez, trazer os limites da nossa pesquisa quando os professores não quiseram participar. Ter uma autorização de entrada nas escolas públicas de Brasília, não garantem que o pesquisador consiga entrar em contato com o chão da escola. As escolas se protegem e com isso, não conseguirmos unir a universidade e os professores da Educação Básica.

Fazer uma análise de como gerar os dados, mesmo sem chegar diretamente nesse professor foi necessário. Uma tensão em nossa pesquisa, pois era um desejo estar em contato com o regente, conhecer novas práticas e trocar experiências.

Marcados esses pontos de tensão, percebemos também que é necessário investir na formação para uma educação antirracista para esse professores, e é imprescindível que o centro de formação de professores a EAPE organize as formações voltadas as questões antirracistas, a escolha de literatura infantil de qualidade e as partilhas de práticas pedagógicas que deram certo.

Ler envolve diversos procedimentos e todos dependentes da situação e das finalidades de leitura. Sendo assim a leitura é vista como um ato de se colocar em relação a um discurso com discursos anteriores e posteriores a eles, com possibilidades de infinitas réplicas gerando novos discursos.

Como Produto Final da nossa pesquisa, trouxemos a possibilidade de um curso de aperfeiçoamento para professores (as) que atua em turmas de alfabetização. Os estudantes precisam em processo de alfabetização precisam de acesso à literatura principalmente, com a temática antirracista e o educador tem um papel fundamental na formação leitora, crítica, ética e estética de seus alunos. Com o desejo de instrumentalizar educadores a repensar suas práticas pedagógicas e as escolhas literárias à luz de referenciais teóricos e, a partir daí, apoiá-los no desenvolvimento de estratégias pedagógicas que garantam a realização de um trabalho de formação leitora de qualidade, lançamos o curso.

Mesmo com a obrigação do trabalho com a Cultura Afro-Brasileira, se essa experiência não atravessar e fazer sentido para o (a) professor (a), o mesmo não conseguirá motivar seus estudantes. E continuaremos a replicar as práticas de

anulação e rejeição da representatividade negra. É preciso adotar uma postura frente ao combate ao racismo.

O desafio é muito grande, mas não é impossível mudar as ações e considerar as ações antirracistas, uma valorização da nossa história e conseqüentemente, uma postura respeitosa e desconstrução de e estereótipos raciais, enfim, a formação da uma cidadania crítica, justa e igualitária. Destacamos a importância de outros estudos nessa direção, por ser um tema relevante e de extrema importância, tanto nos espaços escolares quanto na sociedade em geral

Concluimos que a aproximação com uma Literatura Infantil Antirracista, possibilita um desenvolvimento positivo, ações afirmativas que trazem em si uma nova pedagogia: a pedagogia da diversidade, a qual produz saberes. Esperamos com esta pesquisa disseminar intervenções pedagógicas que favoreçam um olhar generoso da escola e dos (as) professor(a), ofertando situações formativas com a literatura antirracista, estimulando esses profissionais a tornarem-se leitores competentes, lendo e convidando os estudantes a esse encontro literário tão fundamental para que, cada vez mais, possamos nos humanizar por meio de narrativas que nos toca.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

ARAÚJO, Helena Maria Marques. DIAS, Rosa Maria Noronha. **O que aprendemos com as meninas bonitas? Análise de dados de uma pesquisa sobre racismo, gênero e literatura infantil**. Diálogos afro-brasileiros – v. 33, n. 53 (Dez/2020) – ISSN 2175-0173 DOI: <http://dx.doi.org/10.22562/2020.53.06>.

AZEVEDO, Edson Rodrigo de. **Onde estão as princesas africanas? Das práticas docentes ao Programa Nacional do Livro Didático e Literário**. 2021. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista, Bauru.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2003.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 11 de março de 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

_____, Direitos humanos e literatura. In: FESTER, Ribeiro, Carlos, Antonio (Org.) et ali. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAMPOS, Wagner Ramos. **Os griôs aportam na escola: por uma abordagem metodológica de literatura infantil negra nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2016. 329 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do rio Grande do Norte, Natal.

CICERO, Antonio apud PONTES, Luciano. **Deslembrar**. São Paulo: Laroussc Júnior, 2009.

CRESWEI, L. J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre:Bookman. 2007.

COSTA, Vanessa Rosa da. **Protagonismo de meninas negras na literatura infantil contemporânea**. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

DEUS, Zélia Amador de. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DE SORDI, José Osvaldo. 1.ed. **Desenvolvimento de projeto de pesquisa**. São Paulo: Saraiva. 2017.

DISTRITO FEDERAL, **Currículo em Movimento da Educação Básica**, cadernos: Pressupostos Teóricos e Caderno 1 – Anos Iniciais, SEEDF, 2018.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FILICE, Renísia Cristina Garcia. **Raça e classe na gestão da educação básica brasileira**. 2010. xiii, 326 f. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

HALL, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSEN, Patrícia Santos. **Nação, infância e seus outros: literatura infantil brasileira do século XIX ao início do XX1**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 42, nº 91, 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472022v42n91-13>.

KENDI, Ibram X. **Como Ser Antirracista**. Rio de Janeiro: Alta Book, 2020.

KOIDE, Adriana Batista de Souza. **Fruição e autorregulação: a literatura infantil como meio para o desenvolvimento das crianças**. 2016. 276f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Eliza. Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2003

MOTA, Henrique (Org). **Ensino antirracista na Educação Básica: da formação de professores às práticas escolares [recurso eletrônico]**. Porto Alegre: FI, 2021.

MUNANGA, K. Apresentação. In: _____. **Superando o racismo na escola** 2. ed. Brasília: MEC-SECAD, 2005. p. 15-20.

PENA, Daniela de Carvalho. **Alfabetização e literatura na sala de aula: um estudo sobre práticas de uma professora com crianças de 6 anos**.2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana – Ouro Preto – Minas Gerais.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRIMO, Ueliton Santos Moreira. **Experiências do racismo e o desenvolvimento da identidade étnico-racial em crianças negras**. 2020. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARAMAGO, José. **Viagem a Portugal**. São Paulo: Companhia das letras, 2ªed. 2021.

SILVA Francisco Thiago. **Currículo Festivo e Educação das Relações Raciais**. 2.ed. Brasília: Editora Kiron, 2022.

SILVA, Meire Helen Ferreira. **Leitura literária e protagonismo negro na escola: Problematizando os conflitos étnico-raciais**. 2016. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação Básica) - Universidade Federal do Goiás, Goiás.

SANTOS, de Sousa Boaventura. **Epistemologias do Sul** / [et al.]; coordinação general de Maria Paula Meneses; Karina Andrea Bidaseca - 1ª ed . - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Coimbra: Centro de Estudos Sociais - CES, 2018. Libro digital, PDF.p.235-252.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ªed. Porto alegre: Penso, 1998.

SORDI, José Osvaldo. **Desenvolvimento de projeto de pesquisa**. São Paulo, Saraiva, 2017.

VIEIRA, Cecília Maria. CARVALHO, Thaís Regina de. **Um brinquedo diferente na luta antirracista na Educação infantil: o livro literário**. 2023. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 25, n. 47, p. 227-246, jan./jun., 2023. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2023.e90775>

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11.ed. São Paulo: Global, 2003

Referências complementares – Literatura Infantil Antirracista

EMICIDA. Amoras. Ilustrações: Aldo Fabrini. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

JÚNIOR, Otávio. Da minha janela. Ilustrações: Vanina Starkoff. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

HOOKS, Bell. A pele que eu tenho. Ilustração: Chris Raschka. 1ªed. São Paulo: Boitatá, 2022.

NEVES, André. Obax. São Paulo: Brinque-Book, 2010.

ORTHOF, Sylvia. O Rei Preto de Ouro Preto. Ilustrações Rogério Borges. São Paulo: Global, 2003.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Flora. Ilustrações: Ellen Pestili. São Paulo: Global, 2009.

RUMFORD, James. Chuva de manga. 1ªed. São Paulo: Brinque-Book, 2005.

_____. Escola de chuva. 1ªed. São Paulo: Brinque-Book, 2012.

VASCO, Irene. Letras de carvão. Ilustrador: Juan Palomino. 1ª ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro da costura textual nas bases de dados

Quadro - Costura textual nas bases de dados

Título da dissertação ou tese	Autor	Ano de publicação	Instituição
1. Alfabetização e literatura na sala de aula: um estudo sobre práticas de uma professora com crianças de 6 anos.	Daniela de Carvalho Pena	2019	Universidade Federal de Ouro Preto
2. Representações dos personagens negros e negras na literatura infantil brasileira	Mônica Abud Perez de Cerqueira Luz	2018	Universidade Nove de Julho
3. Literatura infantil afro-brasileira e africana no Ensino Fundamental: nos rastros de uma pesquisa viagem, cartografias da escolarização	Carla Fernanda Brito Bispo	2020	Universidade Estadual de Campinas
4. “Com licença, senhor narrador! Hoje eu vou contar a minha história!”: conversando, ouvindo e contando histórias infantis pretas com/para crianças	Daniela Coutinho Barreto	2021	Universidade Estadual de Feira de Santana

5. Protagonismo de meninas negras na literatura infantil contemporânea	Vanessa Rosa da Costa	2020	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
6. Fruição e autorregulação: a literatura infantil como meio para o desenvolvimento das crianças	Adriana Batista de Souza Koide	2016	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
7. Princesas, Guerreiras e Revolucionárias: Repensando padrões de gênero e discutindo identidades por meio da literatura infantojuvenil	Aline Cesar Carvalho	2020	Universidade Federal da Bahia
8. Representações sociais de crianças sobre corpo negro e cabelo crespo: relações étnico-raciais na Educação Infantil	Kátia Karoline Ferreira Silva	2022	Universidade Federal do Ceará
9. Leitura literária de saudade da vila: lei 10.639/03 em sala de aula	Maiane Moura Gomes	2016	Universidade Federal de Sergipe
10. Leitura literária e protagonismo negro na escola: Problematizando os conflitos étnico-raciais	Meire Helen Ferreira Silva	2016	Universidade Federal do Goiás
11. Personagens negras infantis: retalhos de	Ayodele Floriano Silva	2022	Universidade Federal de São Carlos

histórias			
12.Experiências do racismo e o desenvolvimento da identidade étnico-racial em crianças negras	Ueliton Santos Moreira Primo	2020	Universidade Federal de Sergipe
13.Significações constituídas por professoras e alunos do ensino fundamental sobre o racismo na escola	Priscila da Silva Oliveira	2019	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
14.Tornar-se: Literatura infantil e educação antirracista	Sônia Regina Vinco	2019	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
15.Dimensão subjetiva das relações raciais na vivência do processo de escolarização	Sara Pereira dos Santos	2019	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
16.Os griôs aportam na escola: por uma abordagem metodológica de literatura infantil negra nos anos iniciais do ensino fundamental	Wagner Ramos Campos	2016	Universidade Federal do rio Grande do Norte
17. Princesas, Black Power e outros mares: a construção da identidade negra na produção infanto-juvenil de	Emanuelle Valéria Gomes de Lima	2021	Universidade Estadual da Paraíba

Kiusan de Oliveira			
18.Projeto Pafundi: criança feliz aprende melhor! Afroletramento, transversalidade e pertencimento afro na escola: uma experiência pretagógica	Esther costa Mendonça	2020	
19. Onde estão as princesas africanas? Das práticas docentes ao Programa Nacional do Livro Didático e Literário	Edson Rodrigo de Azevedo	2021	Universidade Estadual Paulista
20.Uma viagem sobre duas rodas: das ruas de Angola para a sala de aula	Lianeide Mayara Bezerra	2017	Universidade Federal do rio Grande do Norte
21.Literatura infantil afro-brasileira e africana no Ensino Fundamental: nos rastros de uma pesquisa viagem, cartografias da escolarização	Carla Fernanda Brito Bispo	2020	Universidade Estadual de Campinas
22.O que aprendemos com as meninas bonitas? Análise de dados de uma pesquisa sobre racismo, gênero e literatura infantil	Helena Maria Marques Araújo Rosa Maria Noronha Dias	2020	Cadernos do CEOM, Chapecó
23.Racismo e	Geruza de Fátima	2019	REvista de zero a

representatividade da criança negra na literatura infantil: reflexões sobre o projeto de extensão e cultura "CONSTRUINDO A PRÓPRIA HISTÓRIA"	Tomé Sabino Lucilene Gonçalves de Oliveira Lourenço Davidson Bruno da Silva		seis
24. A obra infantil de Monteiro Lobato: do racistês ao pretuguês	Anamaria Ladeira Pereira Camila Santos Pereira	2022	Práxis Educativa
25.Nação, infância e seus outros: literatura infantil brasileira do século XIX ao início do XX1	Patricia Santos Hansen	2022	Revista Brasileira de História
26.Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des)velando preconceitos	Eliane Debus	2010	Perspectiva
27.Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa	Daniela Melo da Silva Dalila Xavier de França	2019	Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará
28.Pelos fios da memória: infância e ancestralidade em Ponciá Vicêncio	Elisângela da Silva Santos	2019	Anuário de Literatura
29.A constituição da identidade negra no livro para infância Betina, de	Fabienne Neide da Cunha Eliane Santana	2020	Revista Pedagógica

Nilma Lino Gomes	Dias Debus Joana Célia dos Passos		
30. Um brinquedo diferente na luta antirracista na Educação infantil: o livro literário	Cecília Maria Vieira Thaís Regina de Carvalho	2023	Universidade Federal de Santa Catarina
31. Reescrevendo a narrativa: racismo em livros infantis da época de Monteiro Lobato	Cilza Bignotto	2021	Revista Brasileira de Literatura Comparada
32. Monteiro Lobato e o Politicamente Correto	João Feres Júnior Leonardo Fernandes Nascimento Zena Winona Eisenberg	2013	Revista de Ciências Sociais

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*DA TRAVESSIA AO ENCONTRO: o trabalho com a literatura antirracista no Bloco Inicial de Alfabetização*”, de responsabilidade de *Janete Rodrigues Cardone*, estudante de mestrado da Faculdade de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional, da Universidade de Brasília, realizado sob orientação do *Hélio José Santos Maia*. O objetivo desta pesquisa é: Analisar quais os critérios de seleção de literatura antirracista, esse professor alfabetizador recorre na escolha dos livros de literatura Infantil, utilizados em sua prática pedagógica. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de gravações de áudio, realizadas pela pesquisadora durante os encontros para as conversas em que serão discutidos temas relativos às intervenções pedagógicas realizadas que contribuem para a progressão das aprendizagens de educandos do Bloco Inicial de Alfabetização. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa pode implicar em riscos, que são apresentados a seguir com as suas respectivas soluções. O primeiro, a possibilidade do entrevistado se sentir desconfortável ou constrangido ao responder as questões da entrevista, o segundo risco seria em relação ao uso do gravador para registrar a entrevista. Estes riscos serão minimizados com as seguintes estratégias: como solução ao primeiro risco, garantir as explicações necessárias para que o entrevistado sinta segurança ao responder as questões. Quanto ao segundo, a solução é solicitar permissão antes de iniciar a entrevista, informar sobre a garantia de sigilo e anonimato, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Espera-se com esta pesquisa conhecer e disseminar intervenções pedagógicas favorecem um olhar generoso da escola, também aos seus docentes, ofertando situações formativas com a literatura antirracista, estimulando esses profissionais a tornarem-se leitores competentes, lendo e convidando os estudantes a esse encontro literário tão fundamental para que, cada vez mais, possamos nos humanizar por meio de narrativas que nos tocam.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61-991398358 ou pelo e-mail janetecardone@hotmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de reunião a ser realizada no segundo semestre de 2024, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante
pesquisador/a

Assinatura do/da

Brasília, ____ de _____ de _____

APÊNDICE C – Carta de Apresentação da Pesquisadora



Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPP) Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) Faculdade de Educação (FE)

DA TRAVESSIA AO ENCONTRO: o trabalho com a literatura antirracista no Bloco Inicial de Alfabetização

Ao Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação/SEEDF,

Solicito a vossa senhoria autorização para que a aluna de Mestrado e minha orientanda, *Janete Rodrigues Cardone*, UnB, matrícula nº 220002746 possa realizar o trabalho de campo relacionado à sua pesquisa de Dissertação, nas Instituições Educacionais vinculadas à Coordenação Regional de Ensino do Guarás - DF.

Trata-se de uma parte importante do seu trabalho intitulado **Da travessia ao encontro: o trabalho com a literatura antirracista no Bloco Inicial de Alfabetização**, desenvolvido no curso de Mestrado Profissional em Educação do PPGE/FE/UnB, sob minha orientação. Informo que a pesquisa será no período de agosto de 2023 a fevereiro de 2024, conforme cronograma explicitado no projeto de pesquisa anexo a este documento.

Desde já agradeço a compreensão e coloco-me à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,



Profa. Dra. Gírlene Ribeiro de Jesus PPGEMP/FE/UnBMat. UnB nº 1051288

APÊNDICE D – Solicitação de Pesquisa de Campo



Governo do Distrito Federal
 Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal Diretoria de
 Inovação, Tecnologias e Documentação
 Gerência de Formação Continuada para Inovação, Tecnologias e Educação a
 Distância

Memorando Nº 94/2023 - SEE/EAPE/DITED/GITEAD Brasília-DF, 22
 de agosto de 2023. À Coordenação Regional de Ensino do Guará
 Assunto: Autorização para pesquisa
 Senhor(a) Coordenador(a),
 Após análise documental da solicitação de pesquisa no âmbito desta
 Secretaria de

Educação, encaminhamos autorização para a realização de pesquisa de
 mestrado de Janete

Rodrigues Cardone, intitulada “*Da travessia ao encontro: o trabalho com a literatura antirracista no Bloco Inicial de Alfabetização*”, em elaboração no âmbito do curso de Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB).

Salientamos que a autorização final da coleta dos dados na escola dependerá do aceite do(a) gestor(a) da unidade escolar ou do setor objeto da pesquisa. Nas pesquisas que envolvam profissionais e estudantes, é necessário cumprir os princípios que norteiam as Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016 e, quando for o caso, observar os requisitos normativos do Programa de Pós-Graduação da Instituição de Ensino Superior.

Na medida em que houver o aceite final do(a) gestor(a) da unidade escolar e/ou do setor objeto da pesquisa, a Secretaria de Educação coloca-se ciente de suas corresponsabilidades enquanto instituição coparticipante do referido projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e do bem-estar dos(as) participantes, dispondo da infraestrutura necessária para a garantia dos elementos necessários à segurança e bem-estar de todos(as) os(as) envolvidos(as).

[1] Esta autorização tem validade de seis meses, a contar desta data de expedição.

Atenciosamente,



Documento assinado eletronicamente por **CAROLINA CARRIJO ARRUDA - Matr.0228699-8, Professora de Educação Básica**, em 22/08/2023, às 14:50, conforme art. 6º do Decreto nº 36.756, de 16 de setembro de 2015, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal nº 180, quinta-feira, 17 de setembro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **LUCIANA DE ALMEIDA LULA RIBEIRO - Matr. 00328073, Diretor(a) de Organização do Trabalho Pedagógico e Pesquisa**, em 22/08/2023, às 17:06, conforme art. 6º do Decreto nº 36.756, de 16 de setembro de 2015, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal nº 180, quinta-feira, 17 de setembro de 2015.

APÊNDICE E – Solicitação de Pesquisa



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação - EAPE

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICA	
A) Informações Pessoais	
Nome: _____	
Endereço: _____	
Telefone(s): _____ E-mail: _____	
B) Informações Funcionais (caso seja servidor da SEEDF)	
Matrícula: _____	Cargo/Função: _____ Órgão de Lotação/Exercício: _____
C) Outras Informações	
Coordenação Regional de Ensino em que será realizada a Pesquisa:	
Área da Pesquisa: () Graduação (TCC; PIBIC; PIBID ou GP) () Especialização () Mestrado () Doutorado ou pós-doutorado	
Área	de Conhecimento do estudo:
Título	da Pesquisa:
Instituição Interessada:	
Objetivo	da Pesquisa:
Tramitou em Comitê de Ética? () Sim () Não () Em andamento	
Declaro que estou ciente que os dados por mim coletados serão estritamente para a finalidade de realização de estudos e pesquisas e, em nenhuma hipótese, serão revelados dados pessoais, conforme a Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018 (Lei Geral de Proteção de Dados - LGPD).	
Data: ____ / ____ / ____ Assinatura: _____	

Documentos necessários:

- Projeto ou pré-projeto de pesquisa;
- Carta oficial da instituição, assinada pelo(a) orientador(a), apresentando o(a) pesquisador(a) e justificando a necessidade da pesquisa na SEEDF. Encaminhar esta solicitação, acompanhada dos documentos exigidos, para a Coordenação de Pesquisa e Publicações da EAPE, via e-mail: eape.pesquisa@se.df.gov.br. A previsão de retorno é de 10 (dez) dias úteis.

APÊNDICE F – Carta de Encaminhamento



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
Coordenação Regional de Ensino do Guar4

CARTA DE ENCAMINHAMENTO DE ESTUDANTE

Atividades Pedagógicas e de Pesquisa de Cursos de Licenciaturas

À Direção da Unidade Escolar: EC 01 do Guar4, EC 02 Guar4, EC 05 Guar4 e EC 03 da Estrutural

Encaminha-se a(s) estudante(s) abaixo relacionada(s), da Instituição de Ensino Superior Universidade de Brasília – UnB, do curso de Mestrado Profissional em Educação do PPGE/FE/UnB, para realizar atividades pedagógicas da disciplina/do projeto “DA TRAVESSIA AO ENCONTRO: O TRABALHO COM A LITERATURA EM UMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO” nessa escola. A atividade deverá ser realizada no período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024.

Solicitamos que a direção confira a identificação do(s) estudantes(s) com um documento pessoal de identificação.

Nome do(s) Estudante(s)	Matrícula
Janete Rodrigues Cardone	220002746

Descrição da(s) atividade(s) a serem realizadas*	Carga Horária
Coleta de dados como análise documental: aplicação de questionários (https://forms.gle/33SjzTiKyEGJ67wn8) tendo como sujeito de pesquisa o “Professor”; análise dos planejamentos, atividades e livros literários; análise do acervo da sala de aula, sala de leitura ou biblioteca.	

* Atividades de disciplinas específicas da graduação, EXCETO ESTAGIO SUPERVISIONADO. A carga horária total das atividades não poderá ser superior a 20 horas. Em caso de projetos maiores como PIBID e TCC, deverá estar anexado o projeto ou plano de atividades detalhado quanto aos objetivos e ao que será desenvolvido na escola.

Este documento **NÃO autoriza** registros audiovisuais ou fotográficos de pessoas (alunos, pais, professores e demais funcionários da escola) e também **NÃO autoriza** a fazer qualquer menção nomes ou referência que identifique esses representantes/membros da comunidade escolar.

É permitido ao(s) estudante(s), sob consentimento e anuência da Direção Escolar, fazer observações, registros fotográficos de espaços, recursos e materiais da rotina pedagógica da escola, bem como realizar entrevistas com registros escritos de rodas de conversas, oficinas, entre outras atividades especificadas neste documento, com a comunidade escolar, desde que preserve suas respectivas identidades pessoais e não comprometa os processos escolares.

Guar4-DF, 05 de setembro de 2023.


SHIRLENE REIS LANDIM
Matrícula. 46.248 9
Chefe da UNIEB do Guar4
0001 nº 23, de 01 de Fevereiro de 2023

Atenciosamente,
UNIEB/CRE GUAR4

Unidade Regional de Educação Básica QE 38 Projeção D A/E Guar4 II

APÊNDICE G – Questionário



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Questionário aos professores do Bloco Inicial da Alfabetização

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Brasília cujo título é **DA TRAVESSIA AO ENCONTRO: o trabalho com a literatura em uma perspectiva antirracista no Bloco Inicial de Alfabetização**. Este questionário foi elaborado pela mestrande Janete Rodrigues Cardone sob orientação do Prof. Dr. Hélio José Santos Maia. As reflexões sobre a temática antirracista são urgentes e necessitam estar presentes em diversos setores da nossa sociedade, principalmente na escola, um espaço favorável ao diálogo e o compromisso ético. Diante desse contexto, a presente pesquisa almeja trazer ao debate, o trabalho com esse enunciado, e para isso, temos como objetivo analisar experiências didáticas de professoras que atuam no Bloco Inicial de Alfabetização. Além disso, conhecer as estratégias e possibilidades de ações nessa perspectiva, por meio da literatura infantil e como esta pode ser aliada para trabalhar o tema. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, pode me contactar:

1. Registre o nome da sua escola, no espaço abaixo.
2. Formação Universitária (curso e ano de conclusão)
3. Pós-graduação (curso e ano de conclusão)
4. Anos de atuação com classe de alfabetização (1º, 2º, 3º anos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais).
5. Atuação em outra área profissional.
6. No seu entendimento, como explicaria o processo de alfabetização? E o letramento?
7. O âmbito escolar transforma-se em ambiente propício à leitura literária, porém existem críticas ao trabalho literário dentro de um processo didático de ensino e aprendizagem. O que pensa sobre esse trabalho intencional com a literatura?
8. E você acredita que o trabalho com a literatura pode acontecer em sua rotina de sala de aula? Se existe uma prática nessa direção, como organiza esse trabalho pedagógico.
9. Atualmente, quais as dificuldades você encontra nesse trabalho literário no ciclo de

alfabetização?

10. Nas formações continuadas fornecidas pela Secretaria de Educação do Distrito existe um trabalho articulado com a perspectiva antirracista?

11. A sua escola tem algum projeto sobre literatura antirracista?

12. Currículo da Rede prevê esse trabalho com a perspectiva antirracista? E o livro literários que vocês já analisaram ou tomaram como referência em suas práticas, existe essa preocupação com essas reflexões antirracista?

APÊNDICE H – Fotografias das Salas de Leitura da Escola Classe Amor

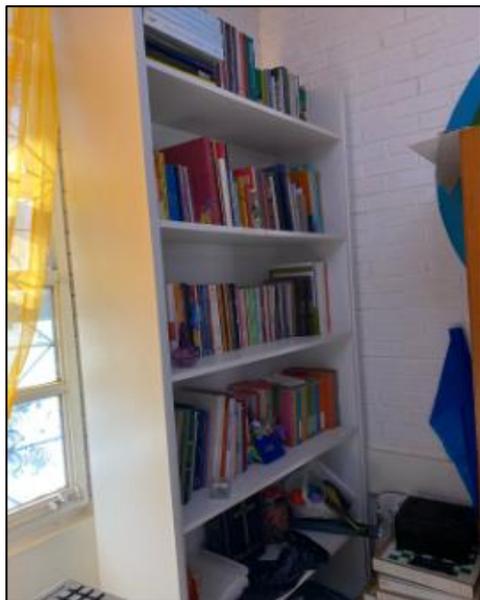


Foto 16 – Estante com livros



Foto 17 - Estante com livros



Foto 18 – Mesa com um computador extra



Foto 19 – Caixas de jogos e livros didáticos



Foto 20 – Livros organizados na estante

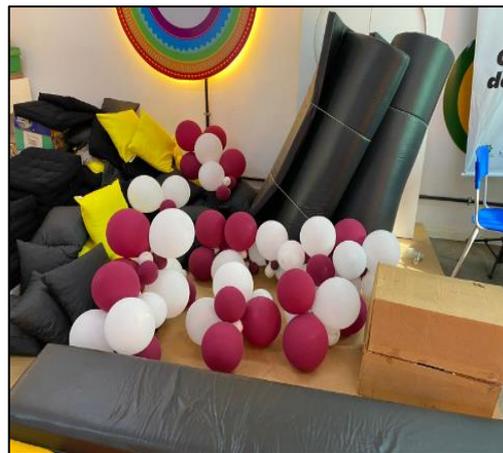


Foto 21 – Materiais diversos guardados na sala



Foto 22 – Livros e caixas na estante



Foto 23 – Livros na estante

APÊNDICE I – Fotografias das Salas de Leitura da Escola Classe Beleza

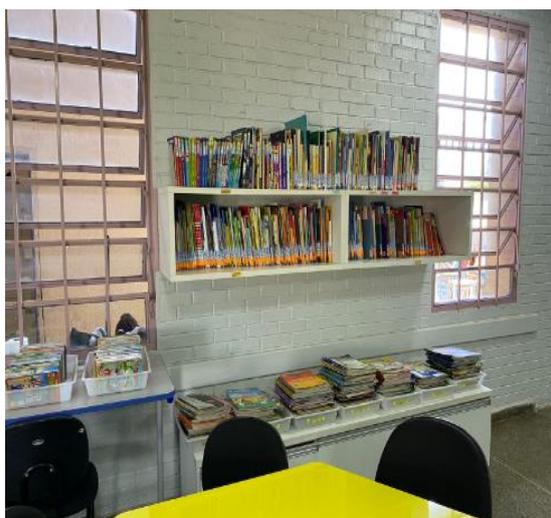


Foto 24 – Livros organizados nas estantes



Foto 25 – Livros “diversidade”



Foto 26 – Livros “diversidade”



Foto 27 - Livros organizados nos armários



Foto 28 – Livros didáticos de 2024



Foto 29 – Organização do espaço

APÊNDICE J – Fotografias das Salas de Leitura da Escola Classe Carinho



Foto 30 - Caixas com livros separados por série



Foto 31 - Caixas com livros separados por série



Foto 32 – Organização do espaço



Foto 33 - Organização do espaço

APÊNDICE L – Fotografias das Salas de Leitura da Escola Classe Diversão

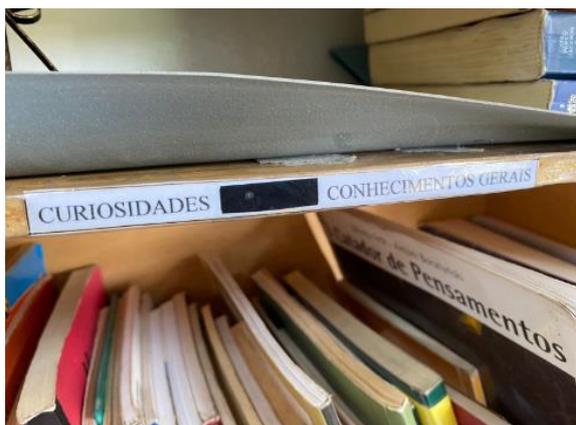


Foto 34 – Organização da estante por temática



Foto 35 - Organização da estante por temática



Foto 36 – Livros nas estantes



Foto 37 - Livros nas estantes



Foto 38 – Livros organizados na estante



Foto 39 - Livros organizados na estante



Foto 40 – Mapas guardados na sala



Foto 41 – Livros didáticos guardados



Foto 42 – Caixa com livros Consciência Negra



Foto 43 – Livros dispostos na estante



Foto 44 – Livros nas estantes

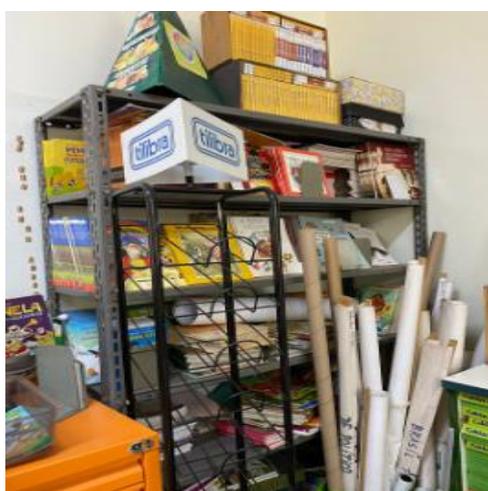


Foto 45 – Materiais diversos



Foto 46 – Livros dispostos no armário



Foto 47 – Livros didáticos de 2024



Foto 48 – Livros didáticos de 2024



Foto 49 – Livros na estante



Foto 50 – Livros na estante para empréstimo



Foto 51 – Livros dispostos na mesa



Foto 52 – Livros na estante



Foto 53 - Livros na estante



Foto 54 – Livros da estante



Foto 55 – Livros na estante